

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ADSON MANOEL BULHÕES DA SILVA

O SENTIDO DA PESSOALIDADE DA MULHER EM EDITH STEIN

São Leopoldo

2014

ADSON MANOEL BULHÕES DA SILVA

O SENTIDO DA PESSOALIDADE DA MULHER EM EDITH STEIN

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão.

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2014

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s Silva, Adson Manoel Bulhões da
O sentido da personalidade da mulher em Edith
Stein / Adson Manoel Bulhões da Silva ; orientadora
Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG,
2014.

81 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST.
Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.
São Leopoldo, 2014.

1. Teresa Benedita da Cruz, Santa, 1891-1942. 2.
Papel sexual – Aspectos religiosos. 3. Papel sexual –
Filosofia. 4. Mulheres – Psicologia. I. Brandenburg, Laude
Erandi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ADSON MANOEL BULHÕES DA SILVA

O SENTIDO DA PESSOALIDADE DA MULHER EM EDITH STEIN

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão.

Data: ____ de _____ de 2014

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Remi Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo fato de eu existir e ter uma vida digna;

Aos meus pais, Manoel e Antônia, que nunca mediram esforços para me fazer feliz, estudar e ter uma vida que, infelizmente, poucos têm a chance de ter;

A toda minha família;

Aos meus colegas;

A todas as pessoas que passaram pela minha vida, que, de uma forma ou de outra, deixaram marcas;

À minha orientadora Laude Brandenburg;

E a todos os professores que contribuíram para a minha formação nesses anos de curso.

“A alma da mulher deve ser ampla e aberta a tudo o que é humano; deve ser cheia de paz, porque as fracas chamas se apagam na tempestade; deve ser quente para não enregelar as pequeninas sementes; deve ser luminosa para que, nos cantos escuros, não cresçam ervas más; deve ser reservada, porque as interferências externas podem pôr em perigo sua vida íntima; deve ser vazia de si para deixar amplo espaço para os outros; deve ser, acima de tudo, dona de si e do próprio corpo para que sua personalidade esteja sempre pronta a servir em cada necessidade.”

Edith Stein

RESUMO

Este trabalho busca esclarecer uma doutrina de formação especificamente feminina de Edith Stein, no que diz respeito à vocação natural da mulher e do homem, destacando a formação da mulher perante o seu ser natural e social e envolvendo questões feministas de uma sociedade moderna, que, por sua vez, insiste em entender a mulher apenas como um ser predominantemente social. Com isso, a mulher sufoca a sua vocação natural de ser mãe e esposa para atuar socialmente, descaracterizando-se enquanto mulher e assumindo uma postura masculina diante da sociedade, do mercado de trabalho e até mesmo da família. Ao deixar a sua vocação materna, a mulher torna-se cada vez mais ativa na profissão ou no meio no qual está inserida profissionalmente. No entanto, a sua verdadeira vocação é a de ser companheira do homem e coração da família. Stein (1999) trata da relação da alma feminina com o mundo moderno, no que se refere à própria concepção de entendimento do ser feminino e da personalidade da mulher. Mostra que a mulher pode ganhar espaço no mercado e na sociedade, sendo profissional competente e respeitada, sem necessariamente ter que se descaracterizar. A abordagem *steiniana* do assunto, antes de ter a pretensão de impor uma verdade, busca dialogar séria e abertamente com outros posicionamentos a respeito do assunto.

Palavras-chave: Vocação natural da mulher e do homem. Ser feminino. Personalidade da mulher.

ABSTRACT

This paper seeks to clarify a specifically feminine formation doctrine of Edith Stein, in regard to the natural vocation of woman and of man, highlighting the formation of the woman faced with her natural and social being and involving feminist issues of a modern society, which, in its turn, insists on understanding woman as only a predominantly social being. With this the woman suffocates her natural vocation of being mother and wife to work socially, de-characterizing herself as a woman and taking on a masculine posture toward society, the work market and even the family. Upon leaving her maternal vocation the woman becomes ever more active in the profession or in the environment in which she is professionally inserted. However, her true vocation is to be man's companion and the heart of the family. Stein (1999) deals with the relation of the feminine soul with the modern world, as relates to the concept itself of understanding the feminine being and the personhood of the woman. She shows that the woman can gain space in the market and in society, being a competent and respected professional, without necessarily de-characterizing herself. The *Steinian* approach to the subject, far from having the pretension of imposing a truth, seeks to dialog seriously and openly with other positions regarding the subject.

Keywords: Natural vocation of woman and man. Feminine being. Personhood of the woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 UMA MULHER PRESENTE	13
1.1 O conceito de pessoa, segundo Edith Stein	15
1.2 A tríplice estrutura da pessoa humana	19
1.2.1 O corpo	22
1.2.2 A alma	26
1.2.3 O espírito	30
2 O CONCEITO DE MULHER, SEGUNDO EDITH STEIN.....	33
2.1 Alguns conceitos básicos da mulher	33
2.2 A pessoa da mulher e o ser mulher	40
2.3 A concepção <i>Steineana</i> de alma feminina	48
2.4 Feminilidade e feminismos	52
2.4.1 A feminilidade	52
2.4.2 Os feminismos	54
3 A MULHER NA SOCIEDADE MODERNA	61
3.1 O perigo da “descaracterização da mulher”	69
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre a obra de Edith Stein, *A Mulher: sua Missão segundo a Natureza e a Graça*¹, está dividido em três capítulos específicos, possuindo em cada um o intuito de mostrar que a mulher e o homem são seres naturalmente diferentes no corpo, na alma e também em sua força e sua sensibilidade.

Para compreender a diferença entre homem e mulher, segundo Edith Stein, faz-se necessário, primeiramente, entender as naturezas feminina e masculina, que se completam em todos os âmbitos da personalidade humana, ou seja, a capacidade intrínseca do ser humano de reunir em si uma diversidade–totalidade que, apesar de uma, também é trina, isto é: corpo, alma e espírito.²

Para vigorar esta concepção, a especialista em filosofia steiniana Jacinta Turolo Garcia³ ressalta que: “o corpo é a parte visível e material do ser humano, parte esta, onde ocorrem os fenômenos físicos, o espírito é a dimensão transcendente, onde o homem relaciona-se com o seu criador”, isto é, a dimensão vertical, onde o ser humano ultrapassa os fenômenos físicos e o mundo material. Já a alma é o vínculo que une o corpo e o espírito, participando tanto da vida sensível quanto da vida transcendente (espiritual).

Segundo Garcia, a pessoa implica em espiritualidade. O ser humano enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e por ele é capaz de si mesmo. O entrar e sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa.⁴

Por esse prisma, Filippo Selvaggi⁵, professor emérito da universidade gregoriana de Roma, parece concordar com Garcia, pois, segundo ele, o ser humano, com efeito, não só está no mundo, como as coisas, num ambiente puramente físico; não só vive no mundo, como a planta ou o animal vivem no seu

¹ STEIN, Edith. *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução Alfred J. Keller. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

² STEIN, 1999. p. 74 .

³ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, [S.d.].

⁴ GARCIA, [S.d.], p.58.

⁵ SELVAGGI, Filippo. *Filosofia.undo: cosmologia filosófica* / Filippo Selvaggi; tradução Alexander A. MacIntyre.- ed. São Paulo: Edições.Loyola,1988.

ambiente biológico; mas tem também consciência do seu ser-no-mundo e pode refletir e julgar sobre ele.⁶

Pode-se observar que o pensamento fenomenológico de Stein reflete nas ideias de Selvaggi, pois, assim como para Garcia, o ser humano é dentre todas as criaturas a única que tem consciência do seu ser-no-mundo, isto é: que está no mundo como um “eu” e que o mundo é para ele motivo de reflexão, vivência e conhecimento. Como “eu” o ser humano tem a possibilidade de transcender os fenômenos físicos e lançar-se a fenômenos metafísicos e abstratos como o tempo e o espaço, o que denota uma “transcendência vertical do eu sobre o mundo”, deixando claro assim a dimensão espiritual da pessoa humana.

Na obra de Stein – sobretudo no capítulo III, que trata da vida cristã – a filósofa destaca a mulher como um ser que, além de natural e social, se diferencia do homem não apenas no corpo, mas na alma também. Diz que o homem, em sua natureza psíquica, tem tendência a se externar ao metafísico. Já na mulher, segundo sua natureza, consistem delicadeza, generosidade, afeto e paciência, pois ela já traz consigo a vocação de cuidar do outro.

Sendo a mulher o único ser da humanidade capaz de gerar e nutrir no interior de seu corpo outro ser, ela é também, justamente por essa capacidade natural, mais afetiva e cuidadosa com o outro do que o homem. Na melhor das hipóteses, a mãe tem com sua “cria” uma relação diferente daquela cultivada pelo pai. Daí a propensão natural da mulher a estar atenta aos problemas alheios.⁷

Partindo dessas concepções, no primeiro capítulo deste estudo serão apresentadas reflexões gerais sobre a estrutura da pessoa humana, já que, desde sua tese doutoral, Edith Stein, que foi aluna de Husserl (filósofo da corrente fenomenológica), encantou-se pela constituição do ser humano – para ela, também formado por corpo-vivo, alma espírito, constituintes humanos indissociáveis, uma vez que, para que possa ocorrer a empatia, é preciso haver um indivíduo estruturado.

Segundo Stein, cada ser humano possui um corpo, porém um corpo animado, em que reside a sua alma. A fim de implementar essa reflexão, Stein ressalta que cada mulher seja uma cópia da Mãe de Deus, seja uma esposa de Cristo, seja uma apóstola do Coração Divino. Assim, todas então corresponderão plenamente à sua

⁶ SELVAGGI, 1988.p. 29.

⁷ STEIN, 1999, p. 156.

vocação feminina, independentemente das circunstâncias e das atividades exteriores nas quais realizam as tarefas desenvolvidas.⁸

No segundo capítulo, versar-se-á sobre as reflexões de Stein, onde transparece que a mulher é o ser mais sublime, independentemente das circunstâncias e das atividades que realiza, pois nela revela-se claramente a empatia, ou seja, a capacidade de se colocar no lugar de seus semelhantes.

Edith Stein apresenta uma visão geral da fenomenologia e de sua relação com a complexidade do ser humano numa perspectiva de um pensamento filosófico, cujo estudo está centrado na análise transcendental, considerando que vivência, essência, percepção, reflexão, lógica e sentido das coisas são aspectos interligados na subjetividade do mundo interior da pessoa.⁹

Nesse sentido, esta análise partirá de uma perspectiva natural, passará por uma perspectiva social e apontará, em última instância, para uma perspectiva ontológica. Aqui, o problema da mulher na história e na sociedade encontrará seu sentido em uma teoria que parte da natureza para encontrar um porto seguro na própria essência do Ser feminino.

No terceiro capítulo, enfatizar-se-á a teoria elaborada por Edith Stein sobre os problemas enfrentados pela mulher, principalmente no período moderno. Por isso, não é pretendido neste estudo um resgate histórico-feminista, mas uma análise filosófica que beira uma “teologia do corpo”. Além disso, não é pretendido dar um veredito ao assunto em questão, mas abrir oportunidade para um diálogo sério e honesto a respeito da mulher e dos problemas por ela enfrentados.¹⁰

Estudar o ser mulher é uma aventura instigante e cheia de desafios. Mais do que coletar informações sobre o ser humano, este estudo deve servir para um crescimento na vivência da nossa própria humanidade, bem como para respeitar o outro na sua individualidade. Trata-se, portanto, de uma investigação da perspectiva fenomenológica de Edith Stein no estudo do ser humano como um sujeito masculino/feminino, situando-nos assim no interior dos estudos da personalidade da mulher que nasceram com o intuito de analisar, sobretudo, a dimensão feminina.

⁸ STEIN, Edith. *Laestructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002. p. 201.

⁹ STEIN, 1999, p. 137.

¹⁰ STEIN, 1999, p. 156.

1 UMA MULHER “PRESENTE”

Edith Stein foi uma das poucas filhas de Israel a ser canonizada pela Igreja Católica. Nasceu em Breslau, Alemanha, em 1891. Dotada de grande inteligência, fez brilhantes estudos universitários, doutorando-se em Filosofia.¹¹

No outono de 1921, pelos seus 30 anos, enquanto passava férias na casa de alguns amigos na Baviera, veio-lhe às mãos a autobiografia de Santa Teresa de Ávila, intitulada *Livro da Vida*. O texto deixou-a encantada, tanto que a moça judia acabou por lê-lo por completo durante toda a noite. Depois, disse que ali estava a verdade. Comprou um catecismo católico e um missal e entrou, pela primeira vez, num templo católico, participando da missa. Após algum tempo de preparação, recebeu o Batismo aos 31 anos, no dia primeiro de janeiro de 1922.¹²

A família, profundamente desgostosa, cortou relações com ela durante algum tempo. Contudo, Edith Stein sentiu que aquele seu passo tinha que ser dado e que ele tinha que ser radical e definitivo.¹³

Já no catolicismo, em 1933, tornou-se monja carmelita e dedicou-se ao ensino no curso de magistério do Colégio Santa Madalena. Escreveu obras de filosofia e de mística e, na tomada de hábito, escolheu o nome de Teresa Benedita da Cruz.¹⁴

Com a sua participação nas vicissitudes do âmbito cultural e social, Stein habilitou-se, com escritos, aulas e palestras, a promover o papel da mulher na sociedade e na Igreja. Com pesquisas sobre a noção de Estado, esclareceu a relação dele com a nação, com o povo e a sociedade e, até mesmo, seu equilíbrio precário com a esfera religiosa. Com o seu olhar sereno, Edith Stein pediu-nos o empenho, em todos os âmbitos, para o bem da ética, do respeito, da paz, da convivência, da aceitação da diversidade e do diálogo.¹⁵

Ela, de maneira consciente, incorpora-se à corrente fenomenológica¹⁶, convencida de que Husserl era o filósofo de seu tempo. É a partir da fenomenologia

¹¹ TRABUCCO, P. Piero. *Edith Stein*. [S.l.:s.n.], 2006. Disponível em: <http://pt.ismico.org/content/view/189/39/>. Acesso em: 24 set. 2008.

¹² TRABUCCO, 2006.

¹³ TRABUCCO, 2006.

¹⁴ TRABUCCO, 2006.

¹⁵ CARVALHO, Teresa Maria Martins de. *Edith Stein, Padroeira da Europa*. [S.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <http://salterrae.org/2008/09/17/edith-stein-padroeira-da-europa-por-teresa-maria-martins-de-carvalho/>. Acesso em: 24 set. 2008.

que Edith Stein se torna filósofa e se identifica plenamente com tal corrente, configurando seu pensamento com o espírito fenomenológico.¹⁶

A filósofa deixou marcas importantes de filósofa original: ela, que era aluna e assistente de Husserl, superou o mestre e procurou estabelecer um elo entre a filosofia contemporânea, sintetizada na fenomenologia *husserliana*, e a tradição medieval, manifestada pela filosofia de São Tomás, suplantando a neoescolástica.¹⁷

Foi presa pela polícia nazista na Holanda e levada para o campo de concentração de Auschwitz, onde morreu na câmara de gás, em 09 de agosto de 1942. Foi canonizada pelo papa João Paulo II, em Roma, no dia 11 de outubro de 1998.¹⁸

Stein viveu no meio dos acontecimentos históricos cruciais que marcaram a primeira metade do século XX. Foi uma intelectual profundamente voltada as questões de seu tempo, tendo se dedicado à filosofia, à política, à pedagogia, as questões feministas no âmbito do catolicismo, à teologia, à mística. Fez parte de um grupo pouco conhecido: de judeus convertidos ao catolicismo e que tiveram suas vidas interrompidas pela “Solução Final” idealizada pelos nazistas, indissociável do destino do povo judeu e da sua história. Sua trajetória permite-nos interessantes paralelos com o fenômeno da conversão forçada dos judeus ao catolicismo na península ibérica durante a época moderna (séculos XVI-XVIII)¹⁹, quando o desrespeito pelo “outro” e/ou pela “diferença” alcançou seu apogeu com o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

Edith Stein é considerada por muitos a santa de nossos dias. Ela é a santa protetora dos universitários e dos intelectuais, dos estudantes de filosofia e de todos os que buscam a verdade, que se encontra naquele que é caminho, verdade e vida.²⁰

¹⁶ CARVALHO, 2008.

¹⁷ CARVALHO, 2008.

¹⁸ TRABUCCO, 2006.

¹⁹ NOVINSKY, A. *Inquisição e Nazismo, Reflexões e Paralelos*, Curso de Pós-Graduação, História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2008.

²⁰ CARVALHO, 2008.

1.1 O conceito de pessoa, segundo Edith Stein

A concepção de pessoa, no pensamento de Edith Stein²¹, tem um papel fundamental na apreensão da complexidade do ser humano, tanto no sentido interior quanto no exterior. A pessoa humana, para ela, é sobretudo uma unidade na diversidade: unidade porque tanto homem quanto mulher são possuidores de corpo, alma e espírito, que, por sua vez, apesar de diferentes, formam a pessoa por inteiro, de forma que, se faltar ao homem ou à mulher um só desses atributos, o conceito de pessoa ficará comprometido. Mas também é diversidade na medida em que o homem e a mulher, apesar de semelhantes, não são iguais, pois divergem tanto no corpo quanto na alma, sendo as almas masculina e feminina semelhantes apenas, não iguais.

Edith Stein²² considera o ser humano uma unidade de corpo, alma²³ e espírito; e demonstra que a pessoa tem um interior inviolável, que é o fundamento de sua dignidade, o espaço sagrado de encontro com Deus e, inseparavelmente, o lugar da consciência de que podem se elevar decisões livres e um verdadeiro diálogo com o mundo.

A formação da pessoa implica na tomada de coragem para servir a essa interioridade, dando uma formulação luminosa no vínculo entre o interior e a educação, pois a vida interior é o fundamento único e a formação leva-se a cabo do interior para o exterior.

Para educar e acompanhar o deslocamento completo da pessoa no cumprimento de sua vocação natural e sobrenatural é necessário que se faça uma educação adequada, isto é, uma educação que seja formativa da pessoa nos três aspectos que a compõem. Caso contrário, faz-se necessário contentar-nos com uma educação puramente informativa, que, no máximo, formará profissionais para o mercado de trabalho e subtrairá as possibilidades de crescimento nos aspectos espiritual e afetivo.

²¹ STEIN, 1999.

²² STEIN, 1999.

²³ Correspondente à parte psíquica do conhecimento (STEIN, 1999, p.14).

Segundo Müller²⁴, o processo pelo qual o ser humano atinge a verdadeira e própria forma do seu ser é um instrumento para a sua cultura. O ser humano, por sua vez:

Não é somente um cultivador da natureza, mas de si mesmo. Ele não nasce já totalmente pré-fabricado, mas só em mínima parte. Quando nasce, o homem, mais que um produto acabado, é simplesmente um projeto. Por isso, é intrinsecamente plasmável, cultivável, educável.²⁵

Uma educação adequada, necessariamente, deve possibilitar a formação da pessoa em todas as suas dimensões, capacitando-a, assim, a empregar todo o seu ser nas diversas atividades que possa exercer na sociedade.

Na fase atual da educação, ocorre uma deformação da pessoa, visto que o crescimento igualitário de suas dimensões é impedido. Ocorre, então, como podemos constatar no contexto social, um grande crescimento técnico e profissional paralelo ao grande atrofiamento dos aspectos sentimentais e espirituais.

O mundo está cheio de grandes empresários, economistas, sociólogos e pensadores. Mas por qual motivo a sociedade padece de problemas tão antigos e tão cruéis quanto o próprio ser humano? A resposta, segundo Edith Stein²⁶, encontra-se exatamente na falta de uma educação adequada, isto é, uma educação que promova o crescimento similar de todas as dimensões essenciais do ser humano, em outras palavras, uma educação que, privilegiando o intelecto, a ciência e a tecnologia, não se esqueça da afetividade e da espiritualidade como dimensões importantes e inegáveis a raça humana.

Ainda encontram-se pessoas que obtêm extremo sucesso profissional e padecem, ao mesmo tempo, de profunda tristeza e levam uma vida vazia e sem sentido. Tais pessoas, por mais sucesso que possam obter em suas carreiras, nunca se sentirão realizadas se não obtiverem êxito nos outros aspectos ou dimensões de sua personalidade. Dessa forma, Isabelle Ludovico ressalta que:

[...] ela oscila entre a profissional ambiciosa que “trabalha como um homem” e a menina dependente que se sente vítima. As duas negligenciaram a beleza e a força do feminino, que se nutre da interioridade, da relação com Deus, da reconciliação com a natureza, do desabrochar da intuição e da criatividade.

²⁴ MÜLLER, [S.d.] apud GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, [S.d.]. p. 65.

²⁵ STEIN, 1999.

²⁶ STEIN, 1999.

O princípio feminino e masculino está em cada um, homem e mulher, para um casamento interior harmonioso e frutífero que permite uma relação reconciliada com o outro, diferente e complementar.²⁷

Sobre a formação da personalidade, Garcia²⁸ orienta-nos a considerar duas definições. A primeira é a formação como estado, que concerne, superficialmente, a uma condição humana ligada a uma predeterminação, ao que o ser humano nasceu para ser, para fazer. A segunda, que é a que realmente nos interessa, é a *formação como processo*. Essa formação refere-se, principalmente, ao:

[...] desenvolvimento no qual o homem conquista uma figura e uma forma, uma precisa identidade. Nesse sentido, é usada frequentemente como sinônimo de educação, mas é preciso esclarecer que a educação se dirige a um outro, a um tu, enquanto a cultura no sentido de formação se refere ao próprio eu. A formação é o produto da educação. O ensinamento é uma ajuda à formação da pessoa. A formação como processo é a motivação que impulsiona juntos a educação e o ensinamento, para que, de um lado, se evite um moralizar abstrato e do outro, uma formação puramente intelectual e um ensinamento eticamente não empenhativo. A verdadeira didática deve dar solução ao problema de como chegar à unidade entre ensinamento e educação para obter a formação.²⁹

O objetivo da teoria elaborada por Edith Stein³⁰ tem como perspectiva fundamental uma observação fenomenológica³¹ da situação da *pessoa* e propõe que se possa voltar para ela desprendido de qualquer concepção anterior, a fim de que se possa olhá-la pelo modo como se mostra, sempre abordando o corpo, inicialmente, como coisa material, pois a teoria vai tentar observar o corpo como ele aparece na sua materialidade.

O ser humano tem um corpo e uma alma. A alma tem um núcleo, que é a “alma da alma”, com seus aspectos psíquicos e espirituais. A *psique* está ligada ao corpo, mas a alma possui outra parte além da psíquica, que é a espiritual. É nela que a graça de Deus atua.³²

²⁷ LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão - SP, 2010. 252p, p.13.

²⁸ GARCIA, [S.d.].

²⁹ STEIN, 1999.

³⁰ STEIN, 1999.

³¹ É definida segundo o Sistema de Edmund Husserl, “às coisas mesmas”, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência, entendida esta como a intuição das essências. DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA, 2006.

³² STEIN, 1999.

A alma possui, portanto, aspectos diversos. Entre eles, está a parte espiritual, esse lugar simples, individual e aberto, que tende para o além, para o outro e para o Outro, que chamam de Deus.³³

Stein enfatiza em sua reflexão filosófica o interesse que existe na abertura da pessoa ao se relacionar com o outro.³⁴ A filósofa vê a pessoa em um pano de fundo mais amplo e complexo, no qual a pessoa é um microcosmo e, por ser um microcosmo, ela pertence a dois reinos. Como corpo, pertence ao reino da natureza³⁵ e, pela *psique*, pertence ao reino do espírito, e este é algo superior em relação à natureza do corpo, pois, através dele, podemos pôr na natureza algo de Bem ou de Mal.

Os animais não podem ter essa dimensão; os humanos podem. A pessoa pode ser perversa, ao passo que o animal é somente selvagem, segue a sua natureza, mesmo que nos pareça maldosa. Só a pessoa humana pode colocar bondade ou maldade em seus atos. Ainda mais: os animais não são capazes de pensar sua existência, mesmo que estejam em extinção. Esta responsabilidade é da pessoa que participa das propriedades do espírito.

Garcia confirma em sua obra *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*:

O corpo do homem não é simplesmente corpo, massa corporal, é corpo animado(não *Korper*, mas *Leibe*). O homem tem alma, e esta se manifestarão só nos atos vitais, que exerce à semelhança dos animais, mas também nesse mundo interior como o centro vivente para onde tudo tende e do qual tudo parte. A vida do eu está constituída pelo jogo de estímulos e respostas, e é aí que a alma exerce sua função peculiar como mediadora entre corpo e espírito.

A alma do homem é o vínculo que une o corpo ao espírito, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. O homem não é animal, nem anjo. Em sua sensibilidade, não coincide com o animal, nem em sua espiritualidade, com o anjo.³⁶

Na busca constante de compreender o ser humano, Edith Stein situa em todas as suas obras a pessoa como ser livre. Na visão *Steiniana*, razão e liberdade são constitutivos da pessoa, assim, pois, a razão deverá agregar-se à liberdade.³⁷

³³ STEIN, 1999.

³⁴ Compreenda-se sobre este *outro*, tanto os homens em geral quanto o próprio Deus. STEIN, 1999, p.237.

³⁵ Essência, aquilo que faz parte intrinsecamente do ser da coisa. DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA, 2006.

³⁶ GARCIA, [S.d.], p. 59.

³⁷ STEIN, 1999.

O ser humano nasce para ser livre, porém, seguramente, o que mais opõe resistência à liberdade é a própria natureza humana, tão complexa. Para Edith Stein³⁸, a pessoa é livre diante de tudo, pois determina sua vida diante de si mesma. Reconhecendo aqui sua afirmação, o principal determinante para ser livre é o defrontar-se com o próprio interior, pois é nele que está a liberdade para ser pessoa integralmente.

Mas a capacidade que o ser humano possui de se defrontar com seu próprio interior não é absoluta. Ela está ligada à realidade física e, por fim, à realidade espiritual, constatando, pois, que o ser humano é limitado em todos os seus aspectos (físico, psíquico e espiritual). Logo, suas capacidades também são limitadas, inclusive a própria capacidade de confronto consigo mesmo.

Segundo Jacinta Garcia:

O homem é chamado a viver em seu íntimo, tomando nas mãos a direção de si mesmo, e, na medida do possível, agindo a partir daí. Somente partindo deste ponto, é possível um exato confronto com o mundo: somente partindo daí, o homem pode encontrar, no mundo, o lugar que lhe compete. Ele, porém, não pode jamais explorar totalmente seu íntimo. É um segredo de Deus, que só ele pode revelar quando e como quer. Este íntimo, no entanto, é confiado ao homem. Ele pode decidir na mais perfeita liberdade e tem o dever de conservá-lo como um bem precioso que lhe foi confiado.³⁹

Nesse sentido, Edith Stein⁴⁰ chama a atenção para o fato de que a perspectiva epistemológica fundamenta uma antropologia, dando-lhe uma concepção de pessoa. E, por sua vez, essa concepção vai definir modos de se proceder frente à deformação da pessoa, já que a grande preocupação da filósofa é a questão da formação da pessoa em todas as suas dimensões, não se limitando apenas a questões sociais e culturais, mas enfatizando, sobretudo, essa formação em todos os âmbitos da educação.

1.2 A tríplice estrutura da pessoa humana

Ao investigar o estudo sobre a pessoa humana e sua estrutura, é necessário que se entenda como Stein caminhou em suas investigações fenomenológicas. Primeiramente deve-se ter a concepção de seu trajeto pessoal de vida, pois uma

³⁸ STEIN, 1999.

³⁹ GARCIA, [S.d.], p. 62.

⁴⁰ STEIN, 1999.

pensadora que se define como judia, mas essencialmente cristã exige a compreensão de como ela constrói sua ideia e entende a filosofia.

Com relação às inquietações existencialistas, Edith Stein entende a vida do ser humano como um projeto, algo inacabado, em aperfeiçoamento, porém, pertencente ao ser humano mesmo. O fato de o ser humano viver em comunidade não significa esquivá-lo de sua singularidade. A liberdade humana possui um potencial suficiente para conseguir fazer a passagem a um indivíduo, a uma pessoa singular na busca de sua inteira subjetividade; como diz Stein⁴¹: “o homem é chamado a viver em seu íntimo e, conseqüentemente, a governar-se a si próprio...”. O mesmo processo de crescimento (corpo, alma e espírito) é também uma autocriação. Somos responsáveis por nós mesmos; “... a pessoa é portadora de sua vida, no sentido de que a tem em sua mão”.⁴² Sendo assim, a estrutura da pessoa humana consiste numa unidade de corpo, alma e espírito.

A alma é o espaço em meio do total que está formado pelo corpo, a alma e o espírito. Enquanto alma sensível habita em todos os membros e partes do corpo, recebe dele e opera sobre ele formando-o e mantendo-o. Enquanto princípio espiritual ele transcende-o ‘de lá’ de si mesma e olha um mundo situado mais ‘para lá’ de seu próprio eu: um mundo de coisas, de pessoas, de fatos; comunica-se com ele inteligentemente, e dele recebe impressões; enquanto alma no sentido própria habita em si mesma e nela o eu pessoal está como na sua própria casa.⁴³

Neste escrito a autora aborda a filosofia no sentido estrito, da filosofia da natureza, o problema da subjetividade e de sua posição frente aos sistemas filosóficos de sua época.⁴⁴

Salienta-se que, posteriormente, a filósofa acrescentará à sua visão da estrutura da pessoa humana a dimensão tripartida, num olhar mais aprofundado sobre a compreensão do ser humano como sujeito espiritual. Isso ocorre quando acolhe o cristianismo ou mais propriamente a mística, o Deus da revelação como

⁴¹ STEIN, Edith. *Psicologia e scienza dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica*. Roma: CittàNuova, 1996b. Titolo originale: *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften, in zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften- Eine Untersuchung über den Staat*(p.1-383). Max Niemeyer Verlag, Tübingen 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.p.134.

⁴² STEIN.1996, p. 342.

⁴³ STEIN, Edith. La vita come totalità. Scritti sull'educazione. Roma: CittàNuova, 1994. Titolo Originale: *Ganzheitliches Leben Schriften zur religiösen Bildung. Edith Steins Werke*, vol. XII, edite a cura di L. Gelber e P. Michael Linssen. Verlage Herder, Freiburg im Breisgau, 1990. Traduzione dal Tedesco di Teresa Franzosi. p. 388.

⁴⁴ STEIN, E. *Obras Completas, II Escritos Filosóficos: etapa fenomenológica*. Madrid: Monte Carmelo, 2005, p. 40.

princípio da ação pela graça como pressuposto para a formação e o caminho para o encontro da plenitude e da verdadeira liberdade.

A passagem do reino da natureza ao reino da graça deve ser dada livremente pelo sujeito que será trasladado de um a outro; não pode ter ou ser efetuado sem sua colaboração. Entre o reino da natureza e o reino da graça se introduz o reino da liberdade.⁴⁵

Dessa forma capta a essência do ser humano. Descobre que ele é dividido em três dimensões: corpo, alma e espírito, no entanto, é no espírito que se encontra o núcleo da alma, o toque do inefável, que, acredite ou não, a marca do eterno se faz presente no ser humano através da ação da graça.

O que dá a entender que o íntimo da alma se apresenta, fundamentalmente, como o lugar de contato pessoal e de união (na medida em que se possa falar em entender os segredos divinos) é o fato de Deus ter escolhido o íntimo da alma para morar. Se a união é de fato a finalidade para a qual as almas foram criadas, deve existir previamente uma proporção que possibilite essa união. De igual modo, compreende-se que a alma tenha livre disponibilidade sobre seu íntimo, porque somente seres que dispõem de liberdade são capazes de uma entrega amorosa.⁴⁶

A ideia de alma, descrita na citação acima, refere-se ao sentido de alma espiritual compreendida como aquele lugar em que a natureza humana tem seu ponto central e dominante. “É ela quem dá ao todo o caráter da personalidade e de autêntica individualidade, quem faz que todos os estratos estejam penetrados desse caráter”.⁴⁷

A unidade da alma e do corpo é de natureza corporal-anímica. Essa união é essencial para ambos. A experiência interna no sentido mais amplo apresenta-se através dos sentimentos de dor ou alegria que expressam a percepção da união da alma e do corpo. No tópico sobre a corporeidade apresenta uma explicação mais aprofundada da importância do corpo na dimensão da estrutura da pessoa humana.

⁴⁵ STEIN, E. *Obras Completas, III Escritos Filosóficos: etapas de pensamiento Cristiano*. Madrid: Monte Carmelo, 2007, p. 71.

⁴⁶ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudos sobre são João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 149-150.

⁴⁷ STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Espiritualidad, 1998. p. 180.

1.2.1 O corpo

A corporeidade é vista sob vários aspectos tais como: o corpo vivo como corpo material, como vinculação do corpo vivo com um sujeito, como corpo vivo que sente como corpo organismo vivo, como corpo vivo, órgão da vontade, como corpo de expressão. Todos esses modos de expressar a corporeidade visam mostrar a constituição do corpo e que o “corpo vivo” é um corpo material como qualquer outro e possui as mesmas características.⁴⁸

O corpo vivo, considerado corpo material, possui diversos modos de se manifestar. O corpo material manifesta-se como “uma coisa espacial, delineada e com extensão *tridimensional*, e se encontra submetido, como tal, às leis da geometria euclidiana”⁴⁹, ou seja, ocupa um lugar no espaço e distancia-se de qualquer outra coisa espacial. Além de ocupar um lugar próprio no espaço, o corpo material possui o poder de dar-se a uma consciência, embora não seja de maneira total, pois acontece ainda de forma parcial, uma vez que, o dar-se em plenitude exige pertencer a uma infinita multiplicidade de intuições.⁵⁰

A união do corpo vivo com um sujeito acontece por meio de sua conexão com o mundo exterior, o corpo vivo (corpo físico) não se diferencia das demais coisas existentes no mundo. Entretanto, a respeito do corpo vivo podemos perceber que a maneira de manifestar-se aos sujeitos cognoscentes ocorre de modo diferente, isto é, se diferencia das outras coisas.

A cada corpo vivo está ordenado um determinado sujeito, para quem a multiplicidade de suas manifestações não é ilimitada, a quem ele- em contraposição a todos os demais sujeitos- não pode mostrar por princípio cada uma de suas possíveis vistas parciais. Esta limitação de sua percepção se encontra intimamente relacionada com o fato de que precisamente esse sujeito não pode variar livremente sua posição com respeito ao corpo (e isto sucede com respeito a qualquer outro corpo e todos os demais sujeitos com respeito a esse corpo).⁵¹

Dessa forma, a vinculação do corpo vivo a um sujeito ou a uma consciência individual revela-se nas peculiaridades que caracterizam o corpo vivo. Estas encontram-se na sensibilidade constituinte do corpo material e da alma. O corpo

⁴⁸ STEIN, 2005, p. 788.

⁴⁹ STEIN, 2005, p. 788.

⁵⁰ STEIN, 2005, p. 789.

⁵¹ STEIN, 2005, p. 789-790.

material está unido a um sujeito e à vida consciente. A sensibilidade cumpre o papel de mediação entre o corpo e a alma porque é justamente nos estados sensoriais que tomam parte a alma e o corpo.⁵²

A sensibilidade é uma qualidade que se encontra unicamente nos corpos materiais (não se encontra nem sequer nas aparições, nos espectros, e dizer, nas formas espaciais simples cheias sensorialmente sem qualidades concretas), porém não corresponde a nenhum corpo material como tal, mas unicamente no caso de que o corpo esteja unido a um sujeito e a vida de sua consciência. A sensibilidade pode ser designada por igual como qualidade desse sujeito que como qualidade de seu corpo vivo.⁵³

Para a pensadora o corpo material vivo não somente se denomina como corpo material, visto que, além disso, possui uma índole e se insere na conexão *real-causal*, mesmo que a índole de sua ação seja diferente ao referir-se à condição corpórea viva da índole material. Entretanto, para que existam as sensações do corpo vivo é necessário perceber sua dependência tanto ao mundo material ou no ambiente material em que se encontra. O estado da sensação, como dependente do mundo exterior e como o corpo material, experimenta e apresenta sensações.⁵⁴

O aspecto do desenvolvimento do corpo material alargá-se devido ao papel que desempenham as sensações como material da atividade do *eu* pelo qual se estende à *vida superior da alma*. Essa vida que o sujeito experimenta no mundo exterior manifesta-se no encontro dos sujeitos que se percebem e se correspondem às circunstâncias exteriores que se apresentam ao corpo vivo do sujeito.

O sujeito, como portador de um corpo vivo, exerce sua capacidade para ordenar seu corpo, como órgão de sua vontade, e é capaz de interferir nas coisas do mundo exterior, assim como para renovar a partir do que já existe. Portanto, o corpo vivo considerado como órgão da vontade ou como instrumento no mundo material corresponde a todos os corpos animais e o que faz o corpo da pessoa se diferenciar dos demais seres é a sua capacidade para expressar a vida interior.

As peculiaridades do corpo vivo consideradas até agora - vitalidade, sensibilidade, utilidade como órgão da vontade ou como instrumento para uma ação no mundo material - correspondem a todos os corpos animais. “Outra função a mais,

⁵² STEIN, E. *Obras Completas, IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos*, Madrid: Monte Carmelo, 2003. p. 218.

⁵³ STEIN, 2003, p. 790-791.

⁵⁴ STEIN, 2003, p. 791.

que é essencial para o corpo da pessoa, não se encontra em todos os seres conscientes (ainda não exclusivamente no homem): refiro-me à capacidade para expressar a vida interior [...].”⁵⁵

O corpo do ser humano não se limita apenas a ser massa corporal, é corpo animado.⁵⁶ Desse modo o corpo, além de ser considerado como coisa material, é o ponto de mediação da pessoa com o mundo exterior, pois é através dele que o ser espiritual-anímico e a vida se expressam.

Primeiro percebe o corpo de dentro, pois sentimos o que lhe ocorre e o vê como objeto de análise que está diante de nós mesmos. Primeiramente, como nosso próprio corpo pelo qual ocupa um lugar no espaço e no tempo, proporcionando o reconhecimento de nossa existência no mundo exterior, e que está vinculado diretamente a ele, de modo a não existir um corpo próprio sem sujeito. O eu está sempre ligado ao corpo.

Efetua a formação do corpo a maneira de uma alma vegetal e, embora, se porta inteiramente como alma humana; é um corpo humano, instrumento e campo de expressão de um espírito livre o que ela configura, e não um feitiço vegetal. Vive em seu corpo e se configura a si mesma a maneira de uma alma animal, e embora, o faz de outra maneira muito diferente, toda sua vida inteira está unida ao espírito e é formado por ele.⁵⁷

O indivíduo, como ser vivente, pertence a um núcleo pelo qual anima e restaura o corpo, proporcionando o desenvolvimento que consiste em um processo de crescimento onde busca alcançar o máximo de desenvolvimento. Por meio desse processo percebemos uma série de exercícios como a alimentação, o respirar, etc. Tais exercícios são úteis para se chegar aos objetivos do desenvolvimento, assim como estados que podem dificultar as atividades do ser vivente como vigor, esmorecimento, saúde e doença que testemunham a percepção de uma força vital presente no organismo e que exercerá de maneira a favor ou inibitória ao desenvolvimento da vivência dentro do organismo.

A análise fenomenológica da corporeidade permite orientar na compreensão da complexidade do ser humano: da vida, da alma e do espírito que se encontra no

⁵⁵ STEIN, 2003, p. 797.

⁵⁶ Cf. Husserl na obra *Ideias II* faz uma investigação minuciosa sobre a questão do corpo da pessoa humana. Segundo ele o corpo distingue-se em corpo vivo e não vivente, ou seja, como corpo que não possui vida em si mesmo chamado de *Körper* (o cadáver) e como corpo vivente, um corpo que vive de *Leib*. BELLO, A. A. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 52.

⁵⁷ STEIN, 2007, p. 1050.

exterior, ou seja, em sua peculiaridade corpórea. Como citado antes, o corpo humano assemelha-se e, ao mesmo tempo, diferencia-se dos demais corpos no mundo exterior.

A esta peculiaridade do corpo humano, pela qual constitui uma figura determinada, fechada em si mesma, indivisível e não unificável com outras, podemos denominá-la individualidade. (Tomamos esta expressão no sentido original da palavra, porém nos reservamos o direito a utilizá-la mais tarde com outro significado). O corpo humano partilha esta peculiaridade com os outros organismos. Já no âmbito do meramente material se dá algo análogo: os cristais são estruturas de figura determinada e fechada em si mesma. Não se podem romper sem que perda sua natureza própria; ao contrário, se podem unir com outros para formar pedaços maiores.⁵⁸

No entanto, ao aprofundar a peculiaridade do ser humano, percebe-se uma das características que distingue o ser humano dos outros animais no organismo, a saber, é sua “posição vertical, a sua nudez como uma relativa falta de cobertura de figura básica e a relativa visibilidade da estrutura interna do corpo através da figura superficial”.⁵⁹ Outra peculiaridade da figura básica do ser humano em sua espécie revela uma dupla diferença: a forma masculina e a feminina. Portanto, o ser humano ao longo de seu desenvolvimento individual atravessa uma série de figuras normais, como a figura do menino que tem uma estrutura diferente do jovem e do adulto.⁶⁰

A análise fenomenológica proporciona um caminho de abertura à essência do corpo e da alma e ainda leva à compreensão de sua estrutura ôntica última.⁶¹ Então o ponto de partida para alcançar um entendimento daquilo que não é espiritual como espírito vivo e esta compenetração conduz fenomenicamente ao corpo vivo animado que se faz presente diante de nós desde dentro, através do espírito pelo qual se sente animado por ele.

Portanto, o sujeito, como ser vivente, possui um núcleo que dá vida ao corpo, proporcionando-lhe um horizonte pelo qual desenvolve o processo de crescimento das atividades e dos estados vitais do corpo. A corporeidade apresenta-se de maneira impessoal no que concerne às sensações que pelos sentidos não atingem o eu espiritual. Deste modo, não conduz a nenhum movimento espiritual de apreensão de significado. Assim como pode apresentar-se de maneira pessoal em que cada movimento é assumido de maneira livre e intencional ao ser consciente de suas

⁵⁸ STEIN, 1998, p. 58.

⁵⁹ STEIN, 1998, p. 59.

⁶⁰ STEIN, 1998, p. 59.

⁶¹ STEIN, 2007, p. 401.

ações ao corpo, isto é, sou consciente de meu próprio corpo e o reconheço como pertencente à unidade de minha pessoa. Em suma, verifica-se que a pessoa humana não se reduz ao corpo, mas que esse corpo é constituído de alma e espírito que vivifica a corporeidade.

1.2.2 A alma

Edith Stein, ao discutir a questão da corporeidade, percebe que o corpo humano não é somente matéria, mas esse corpo possui uma interioridade pela qual pode reconhecer a existência de uma unidade do sujeito constituído de corpo e alma. Stein atribui, em suas obras, ao conceito de alma ora a estrutura da *psique*, ora ao espírito. Na pessoa, segundo a autora, a *psique* está vinculada ao espírito e ao corpo, entretanto, quando fala do espírito, diz que ele cumpre a tarefa de unir e, ao mesmo tempo, modificar a alma. Pois o espírito considerado como atividade do eu auxilia na capacidade de voltar-se para os objetos exteriores do mundo natural e cultural, assim como aos objetos interiores, constituídos das vivências do indivíduo de forma consciente e livre, em condição de apreender e elaborar o sentido das vivências e, ao mesmo tempo, de se posicionar positivamente ou negativamente diante de tais experiências.

[...] Nossas vivências- já o encontrávamos na consideração da percepção interna-, se nos dá algo subjacente a elas que se manifesta e manifesta nelas suas propriedades constantes como seu idêntico portador: isto é a alma substancial. Também temos chegado a conhecer já algumas de suas propriedades anímicas: a agudeza de nossos sentidos que se manifesta em nossas percepções externas, a energia que se manifesta em nosso trabalhar. A tensão ou o relaxamento de nossos atos de vontade manifestam a vivacidade e força ou debilidade de nossa vontade, em sua persistência se mostra sua tenacidade. Na tenacidade de nossos sentimentos de delata a passionalidade; na facilidade com a que eles aparecem, a convulsibilidade de nosso animo.⁶²

De acordo com Stein é possível reconhecer a alma como uma unidade substancial que constitui, analogamente, a coisa física. A partir dos elementos categoriais e das subsecções de vivências, resultam particularidades individuais e, ao mesmo tempo, as categorias das vivências. No entanto, além das categorias já mencionadas, existem aquelas vivências da alma que conduzem a conexões com

⁶² STEIN, 2007, p. 120.

outras unidades, sejam elas psíquicas ou físicas, a efeitos que a alma exercita ou padece.⁶³

A experiência da própria psique acentua a questão do “[...] ser-consciente-de-si-mesmo unicamente para a alma, na qual se reconhece o centro e a peculiaridade da pessoa empírica que vive nela. [...] À psiqué e suas qualidades é necessário sempre uma objetivação do vivenciar”.⁶⁴ É no vivenciar pessoal ou anímico que se reflete a possibilidade não somente do si-mesmo ser objeto de reflexão, mas também a peculiaridade individual, do nível da pessoa, do qual faz ressurgir o grau de níveis que fazem parte da formação dessa pessoa como um todo, entre a vivência originária e o que é intuído e se apresenta à alma.

Deste modo verifica-se que a percepção interna é uma síntese de atos que implicam na peculiaridade individual vivenciada originalmente em traços particulares do caráter que radicam em profundidades diferentes. Tal percepção capta a base das qualidades pessoais. A manifestação das vivências que se atribuem à pessoa permite reconhecer através da percepção interna e apreender o caráter como um todo.⁶⁵

As qualidades psíquicas denominadas “caráter” e cuja origem está na peculiaridade pessoal emergem como uma série de qualidades tanto no campo sensível como no campo intelectual. Para tais qualidades não existe uma consciência originária como fonte de conhecimento.

É verdade que eu, quando simplesmente tenho uma sensação ou percebo ou realizo atividades intelectuais, sou também consciente, sem reflexão, dessas vivências. Porém, ao mesmo tempo, não sou consciente de mim mesmo como uma pessoa com uma peculiaridade individual determinada; a alma não vive nelas, não tem profundidade.⁶⁶

Portanto, tal vivência surge do eu puro como fonte que emana da vida especificamente pessoal e anímica.⁶⁷

Stein, na análise sobre o núcleo da pessoa ou, mais propriamente, o eu pessoal, verifica que, ao refletir a individualidade e seu caráter, percebe a evolução do caráter não somente no que diz respeito às condições externas, mas que

⁶³ STEIN, 2007, p. 120.

⁶⁴ STEIN, 2005, p. 854.

⁶⁵ STEIN, 2005, p. 856.

⁶⁶ STEIN, 2005, p. 857.

⁶⁷ STEIN, 2005, p. 858.

também se encontram nas disposições sensoriais e do entendimento e além destas características existe a determinação interna que designa como peculiaridade pessoal.

O caráter possui algo peculiar que se diferencia de todas as disposições da pessoa, pelo fato de que nela se encontra a essência da pessoa, que no curso de seu desenvolvimento vai adquirindo independência das qualidades singulares. É justamente no núcleo que se encontram as disposições para os processos evolutivos. Existem condições de limites ao desenvolvimento evolutivo da vida do exterior “porque para uma pessoa não é possível qualquer processo evolutivo; a essência ou núcleo dessa pessoa põe limites a sua capacidade de caminhar”.⁶⁸

A caracterização positiva que esse núcleo possui na qualidade que é própria dele, o converte mais que uma capacidade para determinados atos, em mais que em mero lugar de recepção para algo objetivo, que é o que são as demais disposições. É uma coisa determinada em si e caracteriza todo ato que brota dele como vivência precisamente desta pessoa e de nenhuma outra. Porém marca também seu [...] selo sobre o âmbito de objetos que o núcleo desvela a pessoa: o mundo dos valores⁶⁹ na essência mesma do núcleo da pessoa humana.

Com isto a autora indaga-se sobre o que é a alma, pois nas primeiras investigações percebe o percurso da vida da pessoa, incluindo o ânimo em direção ao exterior, uma vez que a vida espiritual da pessoa está em vista do exterior, isto é, a forma como capta o mundo. Entretanto, a vida da alma não se reduz ao exterior. Desse modo, ao sentir a experiência vivenciada, acolhe não somente o mundo dos valores, assim como o acolhe em si mesmo, ou seja, esse “em si, isto é, o eu abre sua alma e dar caminho nela. A alma é o centro da pessoa, o lugar donde ela está em si mesma”⁷⁰.

A alma é algo em si: tal como Deus a colocou no mundo. E esse algo tem natureza própria, à qual impõe caráter próprio na vida toda, na qual desabrocha... Ela sente aquilo que a acolhe em si é compatível com o seu ser próprio, se é proveitoso ou não e se aquilo que faz é próprio para o seu ser ou não. E aquilo corresponde à natureza, na qual ele se encontra a cada contato e reencontro conflitivo com o mundo.⁷¹

⁶⁸ STEIN, 2005, p. 809.

⁶⁹ STEIN, 2005, p. 810.

⁷⁰ STEIN, 2005, p. 811.

⁷¹ STEIN, 1987, p. 56.

A profundidade da alma⁷² possui níveis hierárquicos de valores em que cada nível merece sua atenção. Segundo Stein, a profundidade da alma revela a conexão entre o núcleo da pessoa, sua alma e o caráter, já que todas estão interligadas. Quando a pessoa se abre ao mundo dos valores e, ao mesmo tempo, capta de maneira mais plena que antes, a pessoa passa a vivenciar um valor em que se vê mesclada, entorpecida de afetos condicionantes não somente pelo valor mesmo, mas pela peculiaridade destes estados psíquicos.⁷³

A análise fenomenológica do corpo vivo, que é corpo animado, está em nós e é sentido como pertencente e animado pelo espírito⁷⁴, resultando no campo do núcleo da alma ou mais especificamente naquilo que é próprio do humano como uma alma inteira e o diferencia dos demais seres que possuem alma. Segundo Turoro⁷⁵:

Aparece em *Ciência da Cruz* uma ideia que está presente, muitas vezes, nas conferências de *Die Frau*: o homem só se realiza quando encontra o seu próprio ser, no íntimo da alma, com os pensamentos do próprio coração. A Psicologia contemporânea, especialmente a de linha humanística-cristã, utiliza, com bastante frequência, esses mesmos conceitos. Na segunda parte do livro, analisando a Doutrina da Cruz, ela fala do fundo da alma (o íntimo) onde o eu vive na sua liberdade. Cada alma possui o seu íntimo, cuja existência é já uma forma de vida, uma vida primordial imperceptível ao próprio homem até que os pensamentos do coração sejam elaborados. Só então, segundo a filósofa, começa a subdivisão das potências da alma, isto é, encontramos os pensamentos elaborados pelo intelecto durante o procedimento racional, são as palavras interiores pelas quais se encontram depois as palavras exteriores. As moções da alma e as resoluções da vontade constituem as forças ativas da vida psíquica, entendida como verdadeira e própria vida da alma, alcançada pela percepção interior.⁷⁶

Segundo Stein, o núcleo da alma constitui a essência individual da pessoa e o interior que está aberto em si mesmo e para o exterior, pelo qual capta o mundo a sua volta. A alma humana possui a característica que faz o ser humano ser essência espiritual, isto é, a peculiaridade de ser pessoa. “Ela faz que todo seu organismo corpóreo-anímico seja diferente do animal. Já que uma alma espiritual-pessoal

⁷² Grifo nosso. Sobre a questão da imagem da profundidade da alma encontraremos maiores esclarecimentos nas obras *Estructura de la persona humana, Ser finito y ser eterno, El castillo interior, Ciência da cruz*.

⁷³ STEIN, 1987, p. 812.

⁷⁴ STEIN, 1987, p. 401.

⁷⁵ TURORO, A. G. *Edith Stein: formação pessoal, teoria filosófica e práxis pedagógica*. Bauru: EDUSC, 1987, p. 138.

⁷⁶ TURORO, 1987. p 62.

habita nele, de certa maneira, corpo e alma estão abertos e livres espiritualmente, e, portanto, configurados pessoalmente.”⁷⁷

1.2.3 O espírito

O ser humano integra-se em sua estrutura de corpo, alma e espírito. A alma executa a função de mediadora entre o corpo e o espírito que participa da vida sensível e espiritual. Stein percebe ao longo da análise do problema da empatia que o ser humano se reconhece como um sujeito espiritual aberto ao mundo espiritual para assim apreender o outro como um eu individual. Sendo assim, partindo dessa experiência frente ao outro, percebo que sou um eu puro⁷⁸ e que diante desse outro reconheço que esse eu puro não é igual ao outro, mas que ele é ele mesmo e nenhum outro, pois somente capto o eu puro diante da alteridade do outro e esta alteridade manifesta-se no modo de dar-se.

Temos em conta que nem todo sujeito ver o mundo pelo mesmo ângulo e nem o tem dado na mesma influência de aparições, mas que a cada um corresponde sua peculiar visão de mundo, então já está se obtendo com isto uma caracterização individual dos sujeitos espirituais. Entretanto, algo se opõe em nós a reconhecer este curioso sujeito espiritual sem substrato como àquele que comumente denomina-se pessoa.⁷⁹

A visão que tem do mundo é parte integrante das dimensões estruturais da pessoa humana em sua divisão tripartida (corpo, alma e espírito). Tais dimensões ajudam-nos a refletir e atuar no mundo de maneira consciente, quer seja na sociedade, na comunidade ou no Estado.

Stein notará que a experiência dos atos da empatia abriu não só a possibilidade de reconhecer a alteridade do outro, mas também o conhecimento de si mesmo frente ao outro. “De fato, a constituição do individual fora de mim é a condição da constituição do indivíduo em si mesmo; pois quando capto o corpo de um outro como meu semelhante, capto também a mim mesmo como igual a ele [...]”⁸⁰

⁷⁷ STEIN, 2007, p. 425.

⁷⁸ Grifo Nosso: o eu puro é o eu individual, ou seja, aquilo que me caracteriza como individualidade, como sujeito. *Obras Completas, II Escritos Filosóficos: etapa fenomenológica*, Madrid: Monte Carmelo, 2005. p.41.

⁷⁹ STEIN, 2007. p. 179.

⁸⁰ BELLO, A. A. *A Fenomenologia do se humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru: EDUSC, 2000. p. 162.

Desse modo, é possível perceber que a filósofa, quando trata a questão da empatia, do ponto de vista fenomenológico, distingue bem a forma como o sujeito se vê como eu puro que pensa e reflete seus atos e diante do outro, visto como semelhante e, ao mesmo tempo, diferente de si. Ao analisar a relação empática dos sujeitos capta-se a correlação-distinção recíproca entre os sujeitos, tendo como base a alteridade. Entretanto, esse outro eu que se apresenta frente a mim não determina minha visão de mundo, mas, ao contrário, ajuda a ampliar a consciência de nós mesmos, reconhecendo-nos como seres espirituais. “[...] é somente no nível espiritual que se configura a pessoa, tanto no que se refere ao indivíduo como também à comunidade individual.”⁸¹

Stein analisa a complexidade do ser humano a fim de compreendê-lo como um todo. Sendo assim, inicia a investigação fenomenológica partindo do individual para daí mergulhar na diversidade de modos pelos quais a pessoa pode se relacionar. Tudo isso em vista de uma investigação global do fenômeno da essência da pessoa humana. Para isso é necessário analisar a relação indivíduo-associação humana, que consiste em desvendar o que acontece tanto em nível particular como coletivo.

Ao partir da observação específica sobre o tema da estrutura da pessoa humana que amplia a compreensão da relação entre indivíduo e comunidade para daí captar como esse indivíduo mantém sua individualidade, ou mais propriamente sua liberdade em meio à coletividade.

⁸¹ BELLO, 2000, p. 163.

2 O CONCEITO DE MULHER, SEGUNDO EDITH STEIN

Para a mulher do seu tempo e de qualquer época, Edith Stein⁸² apresenta uma mensagem vigorosa e absorvente, que fica fora das polêmicas sobre assuntos que trazem a público discussões sobre problemas específicos das condições sociais e políticas, como saúde, natalidade, aborto e violência – reivindicativas dos tempos modernos. Essa mensagem é a seguinte: Ser mulher significa participar do plano de Deus criador e ser, no coração da humanidade, sinal e presença do “rosto materno de Deus”.

2.1 Alguns conceitos básicos da mulher

Edith Stein não quis simplesmente defender os direitos da mulher. Não era apenas dona de uma causa feminista. Ela preferiu abrir e mostrar caminhos mediante os quais a mulher poderá verdadeiramente autopromover-se e autovalorizar-se ontologicamente. Stein aconselha homem e mulher a tomarem consciência da sua própria unicidade e, pela promoção das suas próprias qualidades, atingirem a sua realização pessoal.

Sobre o “alcançar” dessa realização pessoal, fala-nos Garcia:

O ser pessoal leva consigo, nessa interioridade, o dom de possuir-se a si mesmo e poder conhecer-se. Tem entendimento, é liberdade. A pessoa, tendo consciência de si mesma, tem também a capacidade de dirigir seu processo com o domínio dos atos, que sucedem na temporalidade. Toda a pessoa encontra a si mesma como um “eu”.⁸³

Stein não pretendeu tomar posições de força, sequer propor soluções definitivas neste terreno. Preferiu chamar a atenção de todos sobre o fundamento último do ser humano, que é o próprio Deus. Ao aconselhar a todos para que reconstruam esse fundamento, ela aponta para o que é a verdadeira liberdade, a dignidade da pessoa e, portanto, a emancipação da mulher.

Partindo da perspectiva antropológica, a filósofa deu uma contribuição válida para a questão feminina. Ela traçou um caminho privilegiado a ser percorrido com atenção e empenho, que traz valiosos estudos à solução da questão feminina.

⁸² STEIN, 1999, p.207.

⁸³ GARCIA, [S.d.], p. 58.

O papel que a mulher desenvolve na sociedade e na Igreja de hoje é ímpar. Ela não é apenas contribuinte, tampouco exerce o trabalho de uma serviçal, suplente em situações de emergência.

Apesar de, na sociedade moderna, a mulher ter assumido uma postura diferente daquela que assumira em tempos idos, em sua essência, o seu papel e o seu dever sempre foram o de auxiliar o homem, contribuindo com aquelas características humanas que são peculiares do gênio feminino.

Embora no mundo moderno, por força de circunstâncias sociais, políticas e econômicas provenientes de uma antropologia inadequada⁸⁴, a mulher tenha assumido posições e cargos que, antes, eram exclusivos dos homens, ela ainda sofreu um empobrecimento que sufocou suas características femininas, ressaltando em si características masculinas. Diante desse contexto Fabretti afirma que

[...] todas as profissões especificamente masculinas podem ser desempenhadas pela mulher, o seu acesso aos mais variados cargos diretivos, profissionais ou técnicos seriam uma bênção para toda a vida, tanto social quanto pública.⁸⁵

A rigor, a mulher, na visão de Stein, pode exercer qualquer função considerada masculina. Tal função ou atividade por si e em si não fará da mulher um ser masculinizado ou feminilizado, pois a atividade social jamais mudará a *essência ontológica*⁸⁶, isto é: o fato de uma mulher exercer uma tarefa considerada masculina não a transformará em um ser masculinizado. Ao que parece, é a postura antológica que a mulher assume diante de uma tarefa, função ou profissão que pode dar uma conotação masculinizada ou não a essa mulher.

Por muitos anos, as mulheres lutaram até conquistarem o direito de trabalhar fora de casa; mas, apesar desse direito garantido, mantiveram-se os dois deveres fundamentais da natureza feminina: cuidar da casa e dos filhos. Com essa tripla jornada de trabalho, as mulheres acabam deixando suas vidas de esposa e mãe em

⁸⁴ O Homem moderno é obrigado, por força das circunstâncias, a viver em uma sociedade que caminha para a comunicação imediata: basta olharmos para a tecnologia da comunicação. Porém, este mesmo Homem insiste em viver de forma egoísta e separatista. Tal fenômeno ocorre por ele não ter se compreendido como um ser essencialmente de comunhão. A essa compreensão contraditória pode-se dar o nome de *antropologia inadequada*. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.p. 60.

⁸⁵ FABRETTI, V. *Uma vida por amor*. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). São Paulo: Paulinas, 1995. p.6.

⁸⁶ STEIN, 1999, p. 75.

segundo plano e dedicam-se quase totalmente à vida profissional, prejudicando, assim, as pessoas que fazem parte dela, como o esposo e os filhos.

Diante disso Isabelle Lodovico ressalta:

De fato, essa mulher consegue êxito profissional, mas é execrada e solitária. Sua vida afetiva é um fracasso, pois construiu relações competitivas que desqualificam o outro. Nessa dinâmica de luta pelo poder, de dominador/dominado, de algoz e vítima, é impossível dar lugar ao amor, que pressupõe igualdade e reciprocidade, companheirismo e respeito.⁸⁷

Em outras palavras, a inserção da mulher na vida social não pode ferir sua essência – o que Edith Stein chama de natureza – ao ponto de comprometer aquilo que faz parte de sua personalidade, isto é, o amor, acolhimento. Ao mesmo tempo isso não pode ser pretexto para que a mulher não tenha seu direito ao exercício social reconhecido. A esse respeito João Paulo II, um grande leitor de Edith Stein, afirma em sua *Carta as Mulheres*:

Sim, é tempo de olhar, com a coragem da memória e o sincero reconhecimento das responsabilidades, a longa história da humanidade, para a qual as mulheres deram uma contribuição não inferior à dos homens, e a maior parte das vezes em condições muito mais desfavoráveis. Penso, de modo especial, nas mulheres que amaram a cultura e a arte, e às mesmas se dedicaram partindo de condições desvantajosas, excluídas frequentemente de uma educação primária, submetidas a inferiorização, ao anonimato e até mesmo à expropriação da sua contribuição intelectual.[...] quantas mulheres foram e continuam sendo valorizadas, mas pelo aspecto físico que pela competência, pela profissionalidade, pelas obras de inteligência, pela riqueza de sua sencibilidade e, numa palavra, pela própria dignidade do seu ser?⁸⁸

Observar-se que na linha de pensamento ressaltada, a uma preocupação séria e sincera com a situação social da mulher. Admite-se e reconhece-se que a mulher foi objeto de injustiça e privações no decorrer da história e continua sendo ao ser valorizada apenas por seus atributos físicos.

Diante desse pressuposto Leonardo Boff pondera:

A grande tarefa civilizacional, talvez a mais urgente nos dias atuais, consiste no resgate do princípio feminino. Chamo atenção para o fato de que não falo de categoria feminino/masculino, mas de princípio feminino/masculino [...]. O masculino não diz respeito somente ao homem, mas também à mulher. O feminino não ganha corpo apenas na mulher, mas também no homem. Esse feminino representa o princípio de vida, de criatividade, de

⁸⁷ LUDOVICO, 2010, p.24.

⁸⁸ JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II às mulheres*.3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p.09-10.

receptividade, de enternecimento, de interioridade e de espiritualidade no homem e na mulher. Portanto, trata-se de um princípio inclusivo e seminal que entra na constituição da realidade humana.⁸⁹

Nota-se que Boff e João Paulo II abordam pensamentos contidos nas obras de E. Stein que frisam que a mulher tem em si uma particular configuração anatômica, mas possui características parecidas com os homens.

Pode-se ainda encontrar na fala de Stein uma relação propícia entre o masculino e o feminino. A autora afirma que:

Ao um certo desafio na amizade conjugal, devido à extraordinária diversidade, por exemplo de sencibilidade. A amizade poderar crescer se ambos aprenderem a valorizar as qualidades do outro, a lhe dar espontaneamente autoridade nos setores em que ele é mais capaz. Se o marido exerce autoridade em todos os assuntos ele não está agindo com fundamento em seu merito [...] ele não está agindo em virtude daquilo que ele tem de melhor.⁹⁰

O esposo tem seu papel na família como pai, pois cabe a ele cuidar da família, da ordem e da harmonia na vida familiar.

Segundo Edith Stein, “a natureza da mulher mostra-se exatamente paralela. Segundo a ordem original, seu lugar é ao lado do marido, no empenho de submeter a terra e de cuidar dos descendentes”.⁹¹

A mulher dos dias atuais pode até realizar o sonho de Edith Stein – que escreveu: “Deus é trino: assim como o Filho procede do pai e do Pai, o Espírito Santo, assim a mulher procedeu do homem e de ambos a descendência”⁹²; e: “Deus é o amor. Não pode haver amor entre menos que dois”⁹³, porém, para que esse sonho seja realizado, faz-se necessária uma real compreensão da pessoalidade da mulher.

Também a sociedade, em seu contexto religioso e político, assim como no trabalho, será portadora do amor de Deus, que dá a vida, na altura em que a contribuição da mulher e a contribuição do homem tiverem acolhimento harmônico e forem valorizadas na sua qualidade de reflexo do amor trinitário. Sendo assim, na

⁸⁹ BOFF, L. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 36.

⁹⁰ STEIN, 1999, p. 90-91.

⁹¹ STEIN, 1999, p. 91.

⁹² BELLO, Ângela Ales. *A antropologia filosófica de Edith Stein e o mundo contemporâneo*. Tradução Jacinta Turolo Garcia. São Paulo: UNIFAI, 05 a 09 out. 2009. Palestra realizada por ocasião da Semana de Filosofia.

⁹³ STEIN, 1999, p. 76.

teoria *steiniana*, não se observa uma preocupação em ser masculino ou feminino, mas, sim, em ser pessoa humana.

O conceito de mulher, segundo Edith Stein⁹⁴, encontra um ponto seguro nas teorias propostas por João Paulo II, em sua *Carta às Mulheres*. Segundo ele:

É no doar-se aos outros na vida de cada dia que a mulher encontra a profunda vocação da própria vida, ela que talvez mais que o próprio homem vê com o coração. Vê-o independentemente dos vários sistemas ideológicos e políticos. Vê-o na sua grandeza e nos seus limites, procurando ir ao seu encontro e servir-lhe de auxiliar.⁹⁵

A mulher foi criada por Deus para, sobretudo, ser mãe e esposa com a mesma dignidade do homem. Um foi feito para o outro, mas são completamente diferentes no corpo, na alma, na força e na sensibilidade. Pois, na mulher, consiste delicadeza, compassividade, generosidade e paciência, que não é exatamente a natureza do homem.⁹⁶

A natureza masculina e a natureza feminina se completam em todos os âmbitos da personalidade do ser humano, indo desde as características físicas até as características ontológicas. É mediante a dualidade “Homem e Mulher” que o humano se realiza enquanto tal. Tal afirmação encontra-se de forma clara e notória no pensamento de João Paulo II.⁹⁷

A mulher, segundo Edith Stein⁹⁸, não é uma simples colaboradora do homem, como já foi dito, mas uma auxiliar, isto é, aquela que, ao lado do homem, auxilia na realização da personalidade do ser humano. Ao que parece, o conceito de colaboração, tanto em João Paulo II quanto em Edith Stein, refere-se mais especificamente ao âmbito da ação. Já o conceito de *auxiliar* parece extrapolar o âmbito do puro agir, estendendo-se ao âmbito ontológico.

João Paulo II confirma essa “diferença-auxílio”, já presente em Edith Stein, dizendo que:

Quando o Gênesis fala de “auxiliar” não se refere só ao âmbito de agir, mas também do ser. Feminilidade e masculinidade são entre si complementares, não só do ponto de vista físico e psíquico, mas também ontológico. Só

⁹⁴ STEIN, 1999.

⁹⁵ JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II às mulheres*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 22.

⁹⁶ LUDOVICO, 2010, p.24.

⁹⁷ JOÃO PAULO II, 2005.

⁹⁸ STEIN, 1999.

mediante a duplicidade do “masculino e do feminino” é que o humano se realiza plenamente.⁹⁹

O ser humano interage neste mundo através de seu corpo, que é a estrutura fundamental da pessoa. Os atentados contra a vida geralmente ocorrem nele. A vida corporal não pode, portanto, ter apenas um significado instrumental, pois o corpo é a parte do universo que nos anima, informa, conscientiza e personaliza.

Todo ser humano é composto de corpo, alma e espírito, que se completam mutuamente por uma incessante referência a Deus.

A alma espiritual é o princípio vital do corpo material, não podendo ser confundida ou identificada com corpo e espírito. A alma humana não é algo pronto e estático. A alma humana é “una”, pois há em seu cerne uma subjacente força divina.

Essas são as palavras de Garcia sobre o que foi dito:

O ser humano é um ser que possui um corpo, uma alma e um espírito. Enquanto o homem é, por sua própria essência, espírito, ultrapassa a si mesmo, com sua vida espiritual e entra no mundo que se abre diante dele, sem que perca nada de si. Nele se revela sua essência, como em todo produto real, ao expressar-se de modo espiritual, mesmo em seus atos inconscientes, e, sobretudo, ao atuar pessoal e espiritualmente. A alma humana, enquanto espírito, se eleva em sua vida espiritual acima dela mesma.¹⁰⁰

A alma do homem e a alma da mulher são iguais na forma estrutural: ambas são internas. Mas a alma do homem se diferencia da alma da mulher na relação que mantém com o corpo, pois ela é lançada a externar-se, isto é, volta-se para lidar com coisas metafísicas, sobretudo para atuar de forma mais racional sobre o meio em que vive.¹⁰¹

Já a alma da mulher vincula-se ao corpo de forma mais afetiva, pois ela traz em sua essência a natureza da vida afetiva para com o outro, o que acarreta na pessoa da mulher a possibilidade de uma maternidade inerente à sua própria alma. É a própria Edith Stein que nos confirma essa teoria, dizendo-nos:

⁹⁹ JOÃO PAULO II, 2005, p. 14-15.

¹⁰⁰ GARCIA, [S.d.], p. 59.

¹⁰¹ De acordo com a psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, tanto o homem quanto a mulher possuem um princípio masculino e um feminino. Ele chamou de *anima* o princípio feminino no homem e de *animus* o princípio masculino na mulher. O masculino é o princípio de diferenciação mais voltado para a objetividade pragmática, o lado esquerdo do cérebro, enquanto o feminino é o princípio de agregação, mais voltado para a percepção gestáltica e subjetiva, global, o lado direito do cérebro. JUNG, C.G. *A Mulher na Europa*, em *Obras Completas*, Volume X/3, *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 275.

Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto que para o homem o corpo assume mais caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca certo distanciamento. Esses fatos devem estar ligados à vocação da mulher para a maternidade.¹⁰²

O desejo¹⁰³ da mulher de realizar a si e ao outro nasce da sua natural tarefa, isto é, daquilo para o que ela está naturalmente destinada, o que será melhor explicado pelas palavras de Feldmann:

A mulher está destinada a ser companheira do homem e a mãe de cada um. Seu corpo foi dotado para isso, o que também corresponde à sua singularidade espiritual [...] zelar, defender, proteger, alimentar e incentivar depois do crescimento: essa é a sua inclinação natural e genuinamente maternal. [...] A profissão primária da mulher é a criação e a educação dos descendentes. O homem se encaixa nessa tarefa como seu protetor. Isso significa que os dotes mencionadas estão presentes em ambos, embora em diferentes medidas e proporções.

Ao homem, sobretudo os dotes para luta, a conquista e o domínio; a força física para a tomada de posse externa, a inteligência para penetrar no mundo de forma sagaz, força de vontade e energia para modelar as coisas criadas. Para a mulher, a capacidade de guardar, proteger e estimular o desenvolvimento daquele que está crescendo, incentivar seu crescimento. [...]

Ao homem estariam reservadas a razão, a vontade e a força de realização. À mulher foi dado o coração.¹⁰⁴

Como exposto, o desejo é presente no gênero humano tanto na figura masculina quanto na figura feminina, porém ganha características mais enfáticas a partir da natureza tanto de um quanto de outro. Enquanto no homem o desejo é voltado para o domínio, para a conquista e para a transformação do mundo, na mulher, o desejo é voltado para o cuidado com o outro, para a educação e formação e, portanto, para a realização de si e do outro, de toda sua potencialidade de pessoa¹⁰⁵.

A natureza do homem presente no seu corpo, na sua alma e no seu espírito o impele para aqueles desejos característicos do ser masculino. Basta perceber que o corpo masculino, por ser dotado de uma musculatura mais poderosa e de uma força

¹⁰² STEIN, 1999, p. 114.

¹⁰³ O desejo está diretamente ligado à alma. FELDMANN, Christian. *Edith Stein: Judia, atéia e monja*. Bauru/SP: EDUSC, 2001. p.66.

¹⁰⁴ FELDMANN, 2001, p.66.

¹⁰⁵ STEIN, 1999, p. 140.

física maior, o torna apto para a luta, para a caça e, portanto, para um determinado domínio da natureza fora de si.

Já a natureza presente no corpo, na alma e no espírito feminino impele seus desejos não à conquista, mas ao acolhimento, ao cuidado e à educação. Basta verificar que o corpo feminino, apesar de ser estruturalmente mais frágil que o masculino, reúne em sua estrutura condições e características necessárias para que nele ocorra a geração, a nutrição e a proteção do descendente.

Pode-se, pois, dizer que não só fisicamente a mulher é dotada de condições formadoras¹⁰⁶ e formativas, como também essa realidade é presente em sua estrutura espiritual e psíquica. O desejo da mulher, sendo assim, está voltado à sua mais profunda aspiração para o processo de amadurecimento de si e do outro. Esse amadurecimento corresponde ao pleno desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões.

2.2 A pessoa da mulher e o ser mulher

O ser natural da mulher, diferentemente do ser natural do homem, tem seu próprio carisma, chamado *capacidade de acolhimento do outro*, como já vimos anteriormente. Trata-se da natureza ligada à sua faculdade física e psíquica para dar a vida, que a orienta ao crescimento e à proteção do outro.

O papel da mulher é particularmente central e fecundo. Desde o início da era cristã, a mulher aspira a uma vocação especial, ligada a Cristo por uma relação de amor. De fato, é próprio das mulheres vivê-la com particular intensidade e naturalidade, pois tem como referência Maria, mãe de Jesus Cristo, com suas disposições de escuta, acolhida, humildade e fidelidade.¹⁰⁷

Maria desenvolveu uma trajetória muito especial, que deixou claro que a alma feminina pode ser forte, confiante e ousada sem necessariamente perder a doçura e a candura peculiares do ser feminino, como o amor materno.

João Paulo II, em sua carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, enfatiza a *dignidade* e a *vocação* da mulher:

¹⁰⁶ Aquilo que forma a partir da essência; aquilo que é ativo na formação (FERMIN, Francisco Javier Sancho). *Curso de Espiritualidade sobre Edith Stein (Teresa Benedita da Cruz)*. São Paulo: Centro de Espiritualidade Teresiano de São Roque. 9 a 12 nov. 2008.

¹⁰⁷ LUDOVICO, 2010, p.24.

Ao pensar, dizer ou fazer algo em ordem à dignidade e à vocação da mulher, não se devem separar deste horizonte o pensamento. A dignidade de todo homem é a vocação, o coração e as obras. A dignidade de todo homem e a vocação que a ela corresponde encontram a sua medida definitiva na união com Deus. Maria – a mulher da Bíblia – é a expressão mais acabada desta dignidade e desta vocação.¹⁰⁸

A mulher, na sua natureza, tem um papel de máxima importância: ser mãe e esposa, correspondendo ao amor do esposo e dos filhos. Deste modo, contribui de maneira única e manifesta-se no rosto da mãe de Deus.¹⁰⁹

Segundo Stein¹¹⁰, “a natureza da mulher é organizada em vista de sua vocação original: ser esposa e mãe. Ambas estão intimamente ligadas entre si”. Diante desse contexto João Paulo II, no número 1 da *Mulieris Dignitatem*, citando a mensagem final do Concílio Vaticano II, salienta:

Mas vem a hora, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance um poder jamais alcançados até agora. Por isso no momento em que a humanidade conhece uma mudança tão profunda, as mulheres iluminadas do Espírito do Evangelho podem ajudar a humanidade decaída.¹¹¹

O “gênio da mulher”, ou seja, a natureza psicológica da mulher, permite-lhe conseguir logo a maturidade, o sentido de responsabilidade, a resistência nas adversidades. Este conjunto de virtudes leva as mulheres a estarem ativamente presentes na família e na sociedade com a proposta de soluções, em certas ocasiões inovadoras, aos problemas econômicos, sociais e políticos.

Certamente, toda mulher tem habilidades inatas e dons peculiares que lhes permitem caminhar para uma vocação especial, além da feminina, que é natural da mulher. No entanto, algumas profissões fazem com que a mulher se entregue integralmente em função de satisfazer apenas um sistema social, que poderá induzi-la a um afastamento do seu Ser natural da feminilidade, o que faz com que ela atue apenas como um ser social¹¹² e, pior, se torne masculinizada.

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II. *A Dignidade e a Vocação da Mulher*: Carta apostólica de João Paulo II. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 18-19.

¹⁰⁹ GARCIA, [S.d.], p. 64.

¹¹⁰ STEIN, 1999, p. 140.

¹¹¹ JOÃO PAULO II, 2001, p.18.

¹¹² Ser integrante de grupo humano associado por vivência, ideias e cultura em comum, grupo este denominado sociedade que para o bem viver necessita de normas e regras que norteiem o mesmo grupo. (DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA, 2006).

Apesar de o Ser natural da mulher ser forte, ele poderá ser corrompido, como qualquer ser humano, que pode ou não ser influenciado pelo meio – pois até mesmo o ato da corrupção pelo meio depende da decisão da pessoa – pelo meio no qual ela atua profissionalmente. Para obter a realização pessoal e a resposta da própria vocação, a profissão deve ser também uma forma de expansão para a mulher, mesmo que isso lhe traga mais dificuldades, uma vez que a mulher, hoje, tem oportunidades que antes não tinha.

Portanto, a tarefa peculiar da mulher precisa integrar-se à sua vocação feminina e à sua profissão, de forma que receba um aspecto feminino.

Segundo Stein:

A profissão faz com que o indivíduo se integre na sociedade, ou lhe confere uma função que lhe cabe cumprir no organismo social. A tarefa especial da mulher profissionalmente ativa consiste em fundir sua vocação com sua profissão específica, de modo que a profissão receba uma feição feminina.¹¹³

As mulheres dos dias atuais, em comparação com as mulheres do passado, como por exemplo, as mulheres dos séculos XVII e XVIII, conquistam cada vez mais lugares na sociedade, por intermédio do mercado de trabalho. Administram os conflitos na tentativa de manter a harmonia entre integrantes do grupo do qual elas fazem parte, ocupando o cargo de chefes, ou não, e buscam mais intensamente o desenvolvimento da equipe, procurando compartilhar mais seus conhecimentos do que os homens como pode ser observado segundo os dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE).¹¹⁴

¹¹³ STEIN, 1999, p. 150.

¹¹⁴ FIBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/FIBGE/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf. Acesso em: 18 abr. 2014.

Qualidade e relação interpessoal no ambiente profissional dos cargos ocupados por sexo e posição de ocupação

Posição na ocupação	1999				2009			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Número	Conceito	Número	Conceito	Número	Conceito	Número	Conceito
Empregados	59,4	Regular	47,0	Regular	56,2	Bom	47,6	Bom
Empregadores	5,4	Bom	2,7	Bom	4,8	Regular	3,8	Excelente
Autônomos /contas próprias	26,5	Bom	16,2	Bom	22,5	Bom	16,3	Bom
Total (%)	100		100		100		100	
Milhões	45.869.765	—	32.296.409	—	52.36.199	—	42.422.820	—

FONTE: FIBGE/censos Demográficos 1999/2009: tab.21 PNADs 2009 tab. 17; 2010-tabulações especiais; 1993/95/98 tab. 4.19; 1999/2009 – microdados.
Desagregação não existente para esse ano.

As informações sobre o relacionamento no ambiente de trabalho frequentado pelo sexo feminino indicam que, em 2009, entre as mulheres, são comuns nas ocupações abordadas os conceitos qualificativos de Bom e Excelente, apesar de que em dados numéricos estejam menores do que o masculino, porém demonstram expressivamente e fortalecem o pensamento Stein na medida em que se salienta a natureza feminina como promotora da harmonia entre o grupo. Dessa maneira achando as soluções de um modo diferente dos companheiros do sexo masculino, as mulheres pretendem ouvir outras pessoas, preparam estratégias antes de tomar decisões, considerando mais as consequências dos seus atos a longo prazo.

Todo esse avanço trouxe consigo alguns problemas, antes considerados masculinos. A mulher ficou mais vulnerável a certas doenças de ordem física e psicológica, como o estresse e a síndrome do pânico, entre outras, pois, além de trabalhar fora, ela precisa administrar a casa ao retornar a ela. É um trabalho constante e desgastante o que a mulher moderna enfrenta para obter êxito na sua vida profissional.

Segundo Jacinta Garcia, Edith Stein:

Vê no trabalho sistemático e positivo um bom meio natural que se opõe a todos os defeitos típicos da feminilidade. Ele exige uma limitação do exagerado interesse, pelo que é possível, eliminando a superficialidade,

solicita a subordinação a normas objetivas. Cita o exemplo de tantas mulheres que, com maturidade, conseguem o equilíbrio entre matrimônio, família e vida profissional. Volta sempre à imagem bíblica da “Mulher forte” e repulsa a figura da mulher boneca, fútil, que, sem nada de sério para realizar, acaba perdendo o sentido da vida e da missão.¹¹⁵

Nesses últimos anos, tem-se delineado novas tendências na abordagem dos assuntos referentes à mulher moderna. Uma das primeiras tendências sublinha fortemente a condição de insubmissão da mulher, procurando criar-lhe sempre uma atitude de contestação: a mulher, para ser ela mesma, apresenta-se com ideias incompatíveis às do homem. Esse é um processo que leva a uma rivalidade entre os sexos, através do qual a identidade e o papel de um são assumidos em prejuízo do outro, com a consequência de introduzir na antropologia uma nociva confusão, que tem o seu revés mais imediato e nefasto na estrutura da família, onde a mulher é - segundo Stein - o “esteio de sustentação”.¹¹⁶

Garcia confirma em sua obra *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*:

Muitas mulheres, mesmo entre as melhores, são quase esmagadas sob o duplo peso do trabalho profissional e dos deveres familiares. Sempre em movimento, excitadas, nervosas, inquietas [...]. E as consequências: pequenos atritos cotidianos com o marido e os filhos, desordens, enfraquecimento da unidade familiar.¹¹⁷

Outra tendência a ser abordada deriva necessariamente daquela acima citada, pois, para evitar qualquer predomínio de um ou de outro sexo, tende-se a eliminar as suas diferenças, considerando-as simples efeitos de um condicionamento histórico-cultural. Nesse nivelamento, a diferença do corpo, chamada sexo, é minimizada, ao passo que a dimensão estritamente cultural, chamada gênero, é sublinhada ao máximo e considerada primária. O obscurecimento da diferença ou dualidade dos sexos é grave e de graves consequências a diversos níveis.

Essa antropologia, na pretensão de favorecer perspectivas igualitárias para a mulher, libertando-a de todo o determinismo biológico, acabou de fato por inspirar ideias que promovem, por exemplo, o questionamento da família em sua índole natural, composta de pai e de mãe. Essas ideias consistem na equiparação da

¹¹⁵ GARCIA, [S.d.], p. 85.

¹¹⁶ STEIN, 1999, p. 22.

¹¹⁷ GARCIA, [S.d.], p. 86.

heterossexualidade e da homossexualidade, um novo modelo de sexualidade polimórfica.¹¹⁸

Stein esclarece a diferença dos dois sexos:

Segundo minha convicção, a espécie humana se desdobra na espécie dupla de homem e mulher, de modo que a essência do ser humano, em que não deve faltar nenhum traço de um ou de outro lado, se manifesta de dupla maneira, revelando-se a marca específica em toda a estrutura do ser. Não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes, a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como a relação entre as diversas forças espirituais. À espécie feminina corresponde a unidade e a integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas.¹¹⁹

A mulher, na tentativa de se igualar ao homem, perdeu alguns valores morais, ou seja, perdendo o pudor não só em certas atitudes próprias do homem, como o pudor do próprio corpo que, de instrumento expressivo do amor e da geração própria da maternidade, passa a ser instrumento de exposição e muitas vezes até mesmo de comercialização legal, isto é: usar o corpo como gerador de fama e dinheiro por meio da exposição pública. Vulgarizando-se e expondo-se cada vez mais, usando seu corpo como forma de alcançar sucesso ou êxito em diversos seguimentos da vida. É preciso saber que independência não está relacionada à perda de identidade e valores, uma vez que foi através deles, dos valores, que todas as conquistas foram possíveis.

João Paulo II confirma em sua carta às mulheres:

Relativamente a esta grande, imensa “tradição” feminina, a humanidade tem uma dívida incalculável. Quantas mulheres foram e ainda continuam sendo valorizadas mais pelo aspecto físico que pela competência, pela profissionalidade, pelas obras da inteligência, pela riqueza da sua sensibilidade e, numa palavra, pela própria dignidade do seu ser!¹²⁰

Nem todos os teóricos que discursaram sobre a questão da mulher pensam em conformidade com João Paulo II e Edith Stein. Um exemplo marcante daqueles que contrastaram com as ideias até aqui esclarecidas é Stuart Mill.

¹¹⁸ *Polimorfo*: sujeito a variar de forma. DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA, 2006.

¹¹⁹ STEIN, 1999, p. 206.

¹²⁰ JOÃO PAULO II, 2005, p. 09-10.

John Stuart Mill, em sua obra *A Sujeição da Mulher*¹²¹, propõe-se a defender a teoria referente ao ser humano, principalmente à mulher, apenas como um ser social, que está sujeito a mudanças no meio no qual possa atuar. Essas mudanças acontecem a partir do momento em que a mulher, por exemplo, passa a ter a visão de que “entre homem e mulher não há diferenças”.

O autor não acredita em direitos e deveres naturais. Acredita, antes, certos direitos e deveres se faziam necessários para a felicidade geral da espécie humana, sendo que alguns seriam destinados ao homem e outros à mulher. Que essa diferença existente entre os direitos e deveres do homem e da mulher é socialmente criada. E, em outras palavras, que os deveres nada têm de natural, pois são frutos de uma convenção forjada pela necessidade da organização social e do bem viver.

Para o pensador em questão, a diversidade individual, a liberdade e a igualdade dos seres humanos são as forças motrizes do desenvolvimento social. Enxergando no condicionamento cultural a razão pela qual homens e mulheres se tornavam tão desiguais, defendeu uma educação igualitária e a equiparação legal.

Mill esclarece:

Minha opinião é que o princípio que regula as relações sociais existentes entre os sexos – a subordinação legal de um sexo a outro – está errado em si mesmo, e, portanto, é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento humano; tal subordinação deveria ser substituída para um princípio de igualdade perfeita, sem qualquer poder ou privilégio para um lado e incapacidade para outro.¹²²

A pensadora Nísia Augusta também defende teorias contrárias as de Edith Stein e João Paulo II, que são reveladas em sua obra *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de 1989.

Augusta¹²³ defende a igualdade dos direitos entre homens e mulheres, enfocando neles apenas o ser social. A pensadora não questionava a ordem vigente, mas o lugar da mulher, sua posição, sua importância dentro dessa ordem. Acreditava que o papel da mulher deveria ser mais prestigiado, e não considerado baixo, desprezível, ou menos importante. Insistia por um melhor tratamento e

¹²¹ MILL, John Stuart. *A Sujeição das Mulheres*. Tradução: Débora Ginza. São Paulo: Escala, 2006.

¹²² MILL, 2006, p. 15.

¹²³ AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção biblioteca da educação. Série 3; v. 3).

melhores condições às mulheres, pois só assim elas poderiam atuar ainda melhor na sociedade.

Segundo Eva Alterman Blay:

Para Nísia Augusta, o essencial da sujeição decorre do impedimento de as mulheres terem boa educação. Homens e mulheres, afirma, são diferentes no corpo, mas isto não significa diferenças na alma. As desigualdades e inferioridades, argumenta, resultam da educação e das circunstâncias de vida. As mulheres não são inferiores quanto ao “entendimento”, à competência, ao saber ou ao aprendizado. Desempenhando tarefas de apropriação, são essenciais ao “Estado Social”.

Nísia é precursora ao mostrar que a mulher foi envolvida em uma rede: não lhe dão educação, pois elas não desempenham tarefas em espaços públicos, e elas não as desempenham, pois não são educadas. Daí o círculo que será rompido pela educação.¹²⁴

Stuart Mill e Nísia Floresta buscam uma colocação melhor da mulher no seio da sociedade. Ambos, sem dúvida, têm boas intenções, lutam pelo reconhecimento da mulher como não sendo um ser inferior ao homem. Porém, os dois pensadores cometem certo equívoco de duas vias, a saber.

A primeira é considerar o ser humano, e por consequência a mulher, apenas como um ser social, político e cultural, excluindo sua dimensão espiritual e metafísica. Pela ótica de Edith Stein¹²⁵ e João Paulo II¹²⁶, esse tipo de pensamento gera um atrofiamento na concepção do conceito de ser humano, atrofiamento esse que João Paulo II chamou de *reducionismo*.¹²⁷

A segunda via é considerar a mulher e o homem como seres iguais, tendo como ponto de partida de suas diferenças a educação e a convenção sociocultural. Tal concepção é perigosa e pode levar a uma igualdade nociva, que faça deixar de ver as diferenças naturais necessárias e inegáveis que estão postas entre homem e mulher e que independem da vontade dos dois.

Seguindo a concepção de Edith Stein¹²⁸, é justo o posicionamento posto por Stuart Mill e Nísia Floresta no que se refere ao reconhecimento da dignidade da mulher e de uma busca de melhores condições socioculturais para ela. As mudanças, segundo Stein, são necessárias e positivas, porém devem ser feitas sem nunca perder de vista que o homem e a mulher são diferentes no corpo e na alma.

¹²⁴ BLAY, Eva Alterman. Duas mulheres, dois mundos, um só preconceito. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 10.

¹²⁵ STEIN, 1999.

¹²⁶ JOÃO PAULO II, 2001.

¹²⁷ JOÃO PAULO II, 2001.

¹²⁸ STEIN, 1999.

homem e mulher são semelhantes e não iguais, e querer igualá-los é ir contra sua natureza física, psíquica e espiritual.

A dignidade da mulher, pois, repousa em sua semelhança¹²⁹ com o homem, e não sobre sua igualdade. Que a mulher tenha os mesmos direitos e os mesmos deveres enquanto pessoa é correto e deve ser defendido, porém o seu lugar ao lado do homem tem raízes na semelhança que não exclui a diferença.

Nesse sentido, Edith Stein tem uma reflexão muito mais profunda e muito mais completa, pois não se limita unicamente ao território sociocultural, mas transcende esse limite concebendo também o aspecto espiritual. A pensadora concebe a pessoa em sua dimensão integral, não se limitando ao reducionismo sociocultural proposto pelas modernas correntes que vigoram.

2.3 A concepção *Steiniana* de alma feminina

Embasada na fenomenologia e no estudo aristotélico-tomista, Edith Stein afirma que, mesmo sendo uma só a natureza humana, há diferenciações que se fazem notar entre homem e mulher, enquanto ser. Em ambos os casos acontece um fenômeno chamado de individuação, “princípio intrínseco às coisas, pelo qual são individuais” e que se deve procurar na matéria. Por isso, somente no mundo material podem existir indivíduos da mesma espécie.¹³⁰

A concepção de Edith Stein sobre a especificidade da mulher consiste no fato de que

[...] a atitude da mulher é pessoal sob vários aspectos. Primeiramente, ela gosta de dedicar-se com toda a sua pessoa àquilo que está fazendo. Além disso, tem um interesse especial na pessoa viva, concreta, tanto no que diz respeito à própria vida quanto a outras pessoas e assuntos particulares.¹³¹

¹²⁹ O que tem certa paridade, isto é, possui características afins, como por exemplo, a espécie, porém não nível de igualdade (exemplo: homem e mulher). (DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA, 2006).

¹³⁰ STEIN, Edith. *Essere finito e Essere Eterno*. Per una elevazione dell'essere. Roma: Città Nova, 1988. Título Original: *Endliches und ewiges Sein – Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. “Edith Steins Werke”, vol. II, edite a cura di L. Gelber e P. RomaeusLeuven. VerlagHerder Freiburg imBreisgau, 1986³. Traduzionedaltetescodi Luciana Vigone e Revisione e Presentazione di Angela Ales Bello, p. 382.

¹³¹ STEIN, 1999, p. 282.

A alma feminina como ser específico atribui um fim à mulher, uma vocação em que todo o seu ser está em função desse mesmo fim. Com isso, parece claro que a mulher tem uma predisposição natural à maternidade e a ser companheira.

Ela naturalmente apresenta uma sensibilidade e compreensão para com o outro conforme nos atesta Edith Stein: “Em todas, encontro uma índole comum: o desejo de dar e de receber amor, e com isso, a aspiração de serem tiradas da estreiteza de sua existência real atual para serem guindadas a um ser e agir mais elevado”.¹³² Até mesmo a ligação da alma com o corpo se dá de forma diferenciada.

Assim, alma feminina está mais presente em todas as partes do corpo, de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume mais o caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca certo distanciamento. Tal fato incontestável é o recurso dado pela natureza feminina para executar sua missão como mulher. Porém, uma vez mal compreendido gera uma cultura do sexo frágil e o que deveria ser visto como força é deturpado pela falta de formação.

A mulher traz presente em si uma finitude espiritual, fato também incontestável que comumente nós ouvimos: “rezar é coisa de mulher”. Sua sensibilidade ao transcendente a remete a viver em seu íntimo voltado em direção a Deus: “é um fato antigo, que a alma feminina se mostra especialmente receptiva para a religiosidade, de modo que era inevitável que também ela fosse atraída por esse movimento”.¹³³

Nessa diferenciação que está estreitamente ligada à vocação materna da mulher, Edith Stein acentua uma dupla possibilidade de vivenciá-la: uma de maneira espiritual e outra de maneira biológica. Tanto que as conferências foram, em sua grande maioria, proferidas a um público feminino cristão católico, e ela defende que a mulher comporta em si essa abertura ao transcendente, independente de religião ou credo.

É o caso, por exemplo, de uma mulher que, profundamente tocada pela sua missão específica, dedica no celibato sua vida em favor de outros. Poderia tal mulher chegar à plenitude do ser feminino, já que a maternidade faz parte da essência feminina? Responderia Edith Stein: “Com toda certeza!”. Pois, da mesma forma que uma mulher seja mãe biologicamente, ainda assim, é preciso todo um

¹³² STEIN, 1999, p. 102.

¹³³ STEIN, 1999, p.164.

trabalho interior de maturação humano-espiritual para que ela chegue ao escopo de sua plena maturidade.

De acordo com Edith Stein, a maternidade é uma atitude de alma, é um colocar-se completamente a serviço do outro que necessita de cuidado e é ser despertada e estar atenta à necessidade alheia. Por sua vez, o ser companheira, estar ao lado do homem, não se limita à relação marital, mas é antes um dar de si, de sua feminilidade, de sua capacidade de humanização, de fazer com que as coisas ao seu redor ganhem novas 'cores', as 'cores' da humanização. Pois "o amor serviçal para com todas as criaturas, que é a essência da *maternitas*, também deve brotar espontaneamente do amor de Cristo. Por isso, a mulher que não é nem esposa nem mãe, precisa comprovar essa maternidade espiritual em suas atitudes e ações".¹³⁴

Não se pode esquecer um aspecto que foi conquistado durante o século passado pelas mulheres, a profissão. Stein assim tendo vivido esse novo acontecer nas práticas femininas, em sua análise contempla o aspecto referido:

Essa atividade, economicamente ativa, é aceita como um mal necessário, sem muita reflexão ou resistência. Nas classes média e alta, a atividade profissional da mulher (com exceção de bem poucas ocupações) era considerada algo inaceitável e inconveniente desde a época da reforma, que negando o ideal da virgindade acabou restringindo a atuação da mulher ao seio da família, até há poucas décadas passadas.¹³⁵

Por outro lado, Edith Stein, como uma mulher que está para além do seu tempo, também observa:

É necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional, que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social.¹³⁶

Diante desse contexto, a principal questão seria a conciliação da vida familiar de mãe, esposa, cuidar de uma casa com o trabalho fora de casa. "Não há profissão

¹³⁴ STEIN, 1999, p.224.

¹³⁵ STEIN, 1999, p.160.

¹³⁶ STEIN, 1999, p.161.

que não possa ser exercida por uma mulher.”¹³⁷ Contudo, é preciso perceber que se faz necessária cautela para que essa busca de uma profissão não seja simplesmente um ter que se esforçar à maneira dos homens, pois isso ocorre num prejudicial risco para a mulher, levando-a muitas vezes a expressar: “Preciso trabalhar para não ser inferior aos homens.”¹³⁸ Com isso, Edith Stein soube perceber os traços de mulheres que fizeram de sua vida uma lição e que, mesmo enfrentando os riscos, não perderam sua sensibilidade, característica peculiar de seu ser mulher:

Apesar dessa imagem triste da média das mulheres, encontramos em todos os âmbitos da vida verdadeiras heroínas que, no campo profissional ou familiar, e na reclusão de um convento, chegam a realizar milagres de desempenho. Todos nós conhecemos, seja dos anais da igreja, seja de nossa própria experiência: as mães que irradiam todo calor e toda a luz do lar, que criam nove filhos próprios [...], mesmo assim, ainda conservam seu coração aberto para as necessidades dos outros.¹³⁹

Portanto, as potencialidades existentes em seu ser, uma vez trabalhadas, tornam a mulher competente, capaz de atos jamais vistos, de ações antes impensáveis. E é justamente para isso que Edith Stein empreende uma verdadeira batalha nesta descoberta do ser feminino. Seu maior desejo está em fazer com que a mulher não mais esteja paralisada em si mesma, presa a um pensamento de emancipação, que nada mais é do que a ratificação de uma realidade machista. Em sua análise, conclui: “que o centro da alma feminina é a afetividade”¹⁴⁰, justamente por uma busca de amar e ser amada. Sua preocupação volta-se para o aspecto da formação, mas que consiste no que une os indivíduos femininos na espécie feminina. A forma substancial é fechada em suas determinações de maneira a não admitir nenhuma outra atuação diferencial que possa vir a modificar a forma, portanto, a mulher que quer viver sua missão de mãe e companheira precisa desenvolver-se. Caso contrário, conviveremos com um atrofiamento constante do ser mulher.

¹³⁷ STEIN, 1999, p. 61.

¹³⁸ STEIN, 1999, p. 62.

¹³⁹ STEIN, 1999, p.69.

¹⁴⁰ STEIN, 1999, p.122.

2.4 A feminilidade e os feminismos

A pensadora Edith Stein assume uma postura própria diante do feminismo ocidental do século vinte: a diferença dos movimentos que se empenhavam na luta pela conquista dos direitos das mulheres, reflete sobre a natureza, a peculiaridade própria da mulher. Ela foi pioneira no aprofundamento da situação da mulher na Igreja e na sociedade. Na coletânea de ensaios sobre *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, descreve o papel da mulher do ponto de vista filosófico-teológico e apresenta uma doutrina sobre a mulher.

Os textos de suas conferências remetem aos estudos filosóficos, em particular ao tema antropológico. Desde seu primeiro trabalho científico sobre a empatia (1916), ela se interessa pelo conhecimento do ser humano na sua dimensão intersubjetiva. Nos escritos sucessivos, em *Psicologia e ciências do espírito: Contribuição para uma fundação filosófica* (1922) e em *Pesquisas sobre o Estado* (1925) aprofunda a natureza humana na sua dualidade masculina e feminina, descreve de modo essencial as esferas psíquicas e espirituais, os momentos constitutivos da comunidade, as formas de vida associada, as normas que regulamentam as relações intersubjetivas, a autonomia do sujeito, tanto na esfera ética individual quanto na esfera religiosa.

2.4.1 A feminilidade

Edith Stein, diante da tradição tomista-aristotélico, afirma que a espécie humana é articulada “em duas espécies: espécie viril e espécie *muliebre*, e que a essência do ser humano, tanto num caso como no outro não deve lhe faltar nenhum traço, [esta] manifesta-se em dois modos diversos revelando a marca específica e a estrutura do ser”.¹⁴¹

A diferença entre o feminino e o masculino é abordada ao lado da unidade do ser humano: de fato, homem e mulher são seres humanos, nisso consiste sua

¹⁴¹ Por espécie Edith Stein entende algo de fixo, que não muda. A filosofia tomista usa neste caso também *forma*, referindo-se à forma interna que determina a estrutura de alguma coisa. O tipo não é imutável no mesmo sentido da espécie. Um indivíduo pode passar de um tipo a outro, o que acontece, por exemplo, no processo de desenvolvimento em que o indivíduo passa do tipo de criança ao tipo juvenil, e depois, homem adulto. É óbvio que a questão da espécie mulher constitui a questão básica das questões femininas. STEIN, Edith. Problemas da formação feminina. In: STEIN, 1999, p. 187.

igualdade, mas são também diferentes no sentido de que não é só o corpo ou não são só as funções fisiológicas que são diferentes a vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente e, no âmbito da alma, difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como a relação entre as diversas forças espirituais.

Nos estudos realizados sobre a mulher por Edith Stein é salientada uma diferença ontológica que se encontra nas profundezas da estrutura da pessoa humana. A essência feminina, a que se refere à *maternidade espiritual*¹⁴², que é definida como um projeto aberto para a criação das mulheres, mesmo ela decidindo se deve ou não ter filhos.

A forma feminina e masculina não se manifesta só no ritmo constitutivo dos indivíduos, mas investe toda a estrutura de corpo, alma e espírito. Portanto, a diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação sexual. “Em cada indivíduo, encontramos o elemento masculino e feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas espécies para desenvolver a espécie humana.” Assim, Edith Stein indica brevemente no que consistem os momentos fundamentais da distinção entre a espécie masculina e espécie feminina: “A espécie feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas”.¹⁴³

É nesse ponto que se constata uma ligação entre filosofia e teologia: a diferenciação da espécie proposta pela filosofia responde à finalidade dos sexos assim como é apresentada pela teologia. É sobre essa diferença que a autora se fundamenta para indicar o destino da mulher e do homem, para aprofundar o significado do feminino em relação ao masculino e, conseqüentemente, para abordar a questão da relação entre os dois. Nessa perspectiva, discute a vocação do homem e da mulher, não somente como um chamado ou uma profissão, mas, sobretudo, como um chamado de ordem religiosa: “Existem muitos caminhos pelos quais o

¹⁴² Por maternidade espiritual Edith Stein entende que ela se mostra de múltiplas formas, por exemplo, segundo o carisma e as regras dos diversos Institutos de caráter apostólico, ela poderá exprimir-se como solicitude pelos homens, especialmente pelos mais necessitados: os doentes, os deficientes físicos, os abandonados, os órfãos, os idosos, as crianças, a juventude, os encarcerados, e, em geral, os marginalizados. STEIN, Edith. Problemas da formação feminina. In: STEIN, 1999, p. 204.

¹⁴³ STEIN, 1999, p. 187; p. 206.

chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher”.¹⁴⁴

Identifica-se, assim, que a análise da questão do feminino e do masculino é realizada por uma multiplicidade de métodos indicados na conferência sobre *Problemas da formação feminina*. O texto da conferência acena ao método de análise das ciências naturais (especialmente psicológico-elementar), ao método das ciências humanas (especialmente psicológico-individual), ao método filosófico e ao método teológico.

2.4.2 Os feminismos

É somente depois de ter fixado a atenção sobre as reflexões filosóficas e teológicas que Edith Stein desenvolve seu discurso sobre a inserção da mulher na sociedade. A atividade profissional feminina extra-doméstica não é contrária à natureza e à graça, desde que não contrarie a vida doméstica, ou seja, o bem e a harmonia do núcleo familiar. Por séculos as profissões extra-domésticas foram confiadas ao homem.

Essa é a luta do movimento feminino que, nos tempos de Edith Stein, reclamava a admissão das mulheres às diferentes profissões e que, na Alemanha, estavam tomando forma. Particularmente sugestivas são as páginas escritas pela autora sobre a mulher, embora a linguagem utilizada reflita o contexto de sua época:

A alma da mulher precisa ser *ampla* e aberta a tudo o que é humano; ela precisa ser *cheia de paz*, para que as pequenas chamas não sejam apagadas por vendavais; ela precisa ser *quente*, para que as sementinhas frágeis não se congelem; ela precisa ser *clara*, para que as ervas daninhas não possam alojar-se em cantos e dobras escuros; *reservada*, para que os assaltos de fora não ponham em perigo a vida em seu interior; *vazia de si*, para que a outra vida tenha lugar nela; e, finalmente, *senhora de si* e de seu corpo, para que toda a sua personalidade esteja preparada para atender qualquer chamado.¹⁴⁵

É com essa abordagem filosófica, unida a sua experiência didática e de contato com os problemas sociais e políticos, que Edith Stein examina a questão

¹⁴⁴ STEIN, 1999, p. 68.

¹⁴⁵ STEIN, 1999, p.140.

feminina, com uma completude que representa, talvez, um exemplo, como afirma Angela Ales Bello, “único na história da antropologia cristã sobre a mulher”.¹⁴⁶

Stein é definida em sua época como uma feminista católica após sua conversão religiosa. Quando se trata do Movimento feminista alemão, a pensadora ressalta que o movimento católico feminista tem em seus objetivos muito em comum com os não-católicos devida sua valiosa colaboração em conformidade com a sua filosofia sobre a mulher, ou seja, a reivindicação de igualdade, a autonomia e a solidariedade entre os sexos, encaminhando-se em sua essência a ética cristã da igualdade de todos os seres humanos diante de Deus.

Ales Bello reflete que Edith Stein foi mal compreendida ou pelo menos pouco compreendida no que se refere ao seu conceito de feminilidade. Alguns muitas vezes pouco informados a tomaram como feminista reacionária, outros a rotularam de dogmática, outros ainda a compreenderam como machista, o certo é que poucos alcançaram satisfatória compreensão de suas reflexões a respeito do *ser mulher*.

Isto ocorre porque para compreender o pensamento de Stein se faz necessário certa compreensão da corrente de pensamento de onde emanavam suas reflexões, isto é, a fenomenologia, isto é, segundo Husserl¹⁴⁷ a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento.

Querer compreendê-la – como fazem alguns – a partir de outras correntes filosóficas é cair em erro grave, pois suas bases referenciais e teóricas partem do fenômeno da vida que em si já dão indicativos para a compreensão do todo. Um erro que se encontra frequentemente é querer fazer uma análise das ideias da pensadora a partir de tendências positivistas e socialistas. Tais erros ou interpretações errôneas multiplicam-se basicamente porque a corrente positivista se prende aos fatos, enquanto que a fenomenologia valoriza não o fato em si, mas o significado do fato.¹⁴⁸ Já o socialismo está ligado firmemente às questões históricas, isto é, a tendência socialista depende do contexto histórico-cultural que, por sua vez, é contingente e sujeito a diversas interpretações. A fenomenologia por sua vez parte da interpretação desses mesmos fatos históricos culturais, isto é, quais interpretações que podemos ter desses fatos, ou melhor, que tipo de significado tais fatos podem ter para a vida humana.

¹⁴⁶ ALES BELLO, 2009, p.69.

¹⁴⁷ HUSSERL, E. *Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: 70, 2008. p. 20.

¹⁴⁸ HUSSERL, 2008, p.21.

Dessa forma não se pode confundir o pensamento de Edith Stein com questões puramente feministas, seja do seu tempo, sejam atuais. Para Edith Stein é impossível compreender a feminilidade como valor excluindo do seu horizonte a masculinidade, pois, quando isso ocorre, cai-se numa espécie de “individualismo” do feminino que desemboca em um egoísmo.¹⁴⁹ A esse respeito, a professora Jacinta Turolo Garcia escreve:

Como ponto de partida para entendermos o valor e dignidade da mulher no conceito da formadora E. Stein, basta recordar tudo o que foi exposto sobre a pessoa humana no capítulo anterior. A mulher é ser pessoal, com vocação peculiar e missão própria de acordo com a ordem da natureza e da graça. Toda a obra *Die Frau ihre Aufgaben nach Natur und Gnade*, apesar da aparente complexidade, enfoca principalmente esta certeza da importância da tarefa da mulher no mundo de hoje. (...) introduzindo o assunto, ela faz um breve retrospecto na questão (tão apaixonante levantada pelo movimento feminista do seu tempo) da emancipação, esclarecendo que se o objetivo de tal prerrogativa é individualístico e egoísta, só se chega a metas erradas, tais como a negação das características da feminilidade no desejo de ser igual ao homem.¹⁵⁰

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o feminino não pode ter uma compreensão satisfatória sem o contraponto do masculino, a feminilidade não pode se igualar a masculinidade, pois se assim ocorrer a “feminilidade deixa de ser o que é”¹⁵¹, isto é, perde suas características peculiares, pode-se dizer: perde sua essência.

Não pode neste sentido haver confusão entre a perspectiva de Edith Stein com a perspectiva feminista, pois o feminismo parte de uma busca de reconhecimento de igualdade entre homens e mulheres, muitas vezes não respeitando suas diferenças naturais e ontológicas. Diante disso Angela Ales Bello¹⁵² ressalta que:

¹⁴⁹ BOFF, Clodovis, Quando a “questão da mulher” é bem colocada. *Revista: pistis práxis*, Curitiba, v. 4, n.4, p. 135-145, jan./jun. 2012.

¹⁵⁰ GARCIA, [S.d.], p. 80.

¹⁵¹ Quanto à feminilidade em particular, Edith Stein a vê articulada em três níveis de concretização crescente:

- nível *geral*: a mulher é, na base de tudo, uma pessoa, um “ser humano”.

Esse é o nível ontológico comum tanto à mulher quanto ao homem;

- nível *particular*: a mulher é um ser humano ao feminino, ou seja, é “mulher como tal”. Aqui a mulher é portadora de características próprias dela, distintas das do homem;

- nível *singular*: a mulher é “esta” mulher única, e não outra. Nesse nível, cada mulher vive a seu modo personalíssimo o seu “ser pessoa” e também o seu “ser mulher”. Edith Stein, 1999, p.139-140.

¹⁵² ALES BELLO, A. *Edith Stein o dell'armonia*. Esistenza, Pensiero, Fede. Roma: Edizioni Studium-Roma, 2009. p. 30.

Conjugar sempre feminino e masculino é a “novidade absoluta” do pensamento “feminista” de Edith Stein. Para esta, só se entende bem o feminino quando confrontado com o masculino e vice-versa. A compreensão do masculino não pode ser dada por descontada, como se apenas o feminino fosse problemático. Não: ambos precisam de clarificação e esta se dá no confronto entre ambos.

Então, a “questão da mulher” se transforma, mais precisamente, em “questão da relação mulher/homem”. Feminino e masculino são respectivamente especificações do ser humano básico. Este se declina em dois modos distintos: o modo de ser mulher e o modo de ser homem. Esses dois modos constituem estruturas ideais que se mantêm constantes sob as variações sociais e individuais.¹⁵³

Na busca de compreensão do mais profundo conceito do ser feminino, Edith Stein aprofunda o conceito de relação, isto é, sua visão do feminino e da feminilidade está em profunda conexão relacional ao conceito de masculino e masculinidade. Sua visão da feminilidade não é uma simples questão separatista entre homem e mulher, masculino e feminino. A pensadora em questão compreende que não pode haver uma concepção autonomista das questões femininas sem que se caia em perdas da essência da concepção fundamental da mulher, desembocando assim em uma visão turva da personalidade humana. Diante disso Clodovis Boff afirma que:

É, pois, absurdo contrapor homem e mulher como se fossem duas categorias opostas, o que legitimaria o princípio da “luta dos sexos”. Se essa luta existe, é apenas como fato anômalo, do que “não deve ser”. É, portanto, um equívoco desastroso estabelecer a “diferença” entre os sexos na forma de oposição recíproca e de supremacia de um sobre outro.¹⁵⁴

Em divergência ao feminismo autonomista que prega a autonomia ou independência da mulher nas várias questões sociais e existenciais, o “feminismo” relacional que alguns estudiosos como Clodovis Boff entendem como sendo a linha de Edith Stein, prega não a dependência, mas a harmonia relacional entre duas dimensões tão diferentes e ao mesmo tempo tão semelhantes, isto é, a masculina e a feminina que se enriquecem mutuamente, como afirma Ales Bello: “Não é possível analisar a mulher sem levar em conta o homem.”¹⁵⁵ Diante desse pressuposto Clodovis Boff esclarece as linhas de pensamento sobre o feminismo. Sendo caracterizados da seguinte forma:

¹⁵³ BOFF, 2012, p.140.

¹⁵⁴ BOFF, 2012, p.138 .

¹⁵⁵ ALES BELLO, 2009, p. 37.

O feminismo autonomista se entende como independente e diverso da questão do masculino, quando não superior e até contraposto a ele. Não raro toma formas de afirmação passionais e provocativas.

Além disso, esse feminismo mostra-se rompido com as raízes bíblicas do feminismo inicial, tendo-se tornado, assim, laicista e mesmo ateu. É preciso, contudo, reconhecer que a radicalização desse feminismo se deve também à falta de compreensão (não de bênção) da Igreja em relação à problemática que ele levantava.

Já o feminismo relacional mostra-se aberto às questões do masculino, assim como da transcendência. Põe-se em continuidade com a grande tradição cristã, assim como da clássica. À diferença do primeiro feminismo, que quer uma "filosofia das mulheres", criada *abimms*, o feminismo relacional busca uma "filosofia ao feminino", que dê sua contribuição própria às grandes questões humanas, tratadas agora "com olhos de mulher".¹⁵⁶

Diante de todas estas perspectivas, fica possível compreender com base nos estudos expostos que, o possível feminismo presente na filosofia de Edith Stein se constitui em última instância em um personalismo, pois nesse patamar as investigações sobre o gênero feminino tocam também os horizontes masculinos, formando assim um único cenário onde o que sobressai não é o masculino e nem o feminino, mas o humano.

Em contraponto à teoria de Stein está uma das principais obras que fundamentam o feminismo autonomista, a obra *O segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, que constitui a referência essencial do feminismo desde meados do século XX até hoje. A autora expõe um conjunto de ideias para serem refletidas de acordo com as concepções históricas, culturais, étnicas, etc, que abordam situações peculiares na atualidade e que inspiram para escolha da liberdade feminina com todos seus fardos e perigos.

A concepção de Simone de Beauvoir é vista dentro da teoria feminista como: "uma dobradiça entre o feminismo iluminado e o sufrágio". Assim o feminismo dos anos 70, que por muitos foi denominado como Feminismo Beauvoriano, parte da reivindicação da igualdade, tendo como objetivo dismantelar a feminilidade para abrir caminho a o reconhecimento da mulher como ser humano. De acordo com a pensadora, "a diferença entre Fêmea e Macho foi inventada pelos homens e aceita pelas mulheres"¹⁵⁷, assim, a paridade dos sexos torna-se impossível diante desse paradigma político.

Beauvoir tentou aplicar o existencialismo à análise dos papéis sexuais. Sartre já havia ressaltado que o homem não possui uma natureza eterna a que possa

¹⁵⁶ BOFF, 2012, p.143.

¹⁵⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1980. p. 15.

recorrer, ou seja, os seres humanos criam aquilo que são. Segundo Beauvoir o mesmo vale para a questão dos papéis sexuais. A pensadora ressalta que não existe uma “natureza feminina” ou uma “natureza masculina” eterna¹⁵⁸, ao contrário do que o tradicionalmente revela o senso comum. Sempre se afirmou, por exemplo, que a natureza do homem seria uma natureza “transcendente”, ou seja, algo que leva a ultrapassar fronteiras. Isto explicaria por que o homem sempre se sentiu impelido a buscar um sentido e um objetivo fora de casa. Da mulher, por outro lado, sempre se disse que sua vida se orienta no sentido exatamente oposto. A natureza da mulher seria uma natureza “imaneente”, o que significa que ela teria uma tendência a continuar no mesmo lugar em que já se encontra. Consequentemente, à mulher caberia cuidar da família, do meio ambiente e das coisas à sua volta.

Para Beauvoir, a mitificação da diferença torna impossível que as mulheres se assumam como existente, tornando-as nada, um vazio misterioso, presença imaneente. Assim, a pensadora afirma que “o mito do outro absoluto, é uma invenção do homem”¹⁵⁹, um empobrecimento da experiência humana. Para fortalecer seu pensamento a teórica cita o pensamento de Aristóteles¹⁶⁰ que achava que faltava alguma coisa à mulher. Para ele, a mulher era um “homem incompleto”. Na reprodução, a mulher é passiva e receptora, enquanto o homem é ativo e produtivo. Diante disso, segundo a autora reflete-se a dificuldade de possibilidade da superação da situação de opressão, pois o mito do outro absoluto aniquila o reconhecimento da autonomia plena das mulheres.

De suas afirmativas pode-se mesmo indagar: se, desde os antigos gregos, o ser humano só se realiza em razão de si mesmo, em sua busca de autarquia, de autonomia, como pensar e entender o que é ser mulher? Nesse sentido, ela afirma e indaga:

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O

¹⁵⁸ BEAUVOIR, 1980, p.28.

¹⁵⁹ BEAUVOIR, 1980, p.16.

¹⁶⁰ ARISTÓTELES. *Política*. Trad. De Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Veja, 1998. p. 13.

drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como essencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?¹⁶¹

Simone de Beauvoir entende que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do *outro*, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem. Também entende que a dimensão humana é sempre paradoxal, já que “o homem que constitui a mulher como um outro encontrara nela profundas cumplicidades”.¹⁶²

Portanto, diante dos pressupostos observa-se que tanto as abordagens de Edith Stein com as de Simone de Beauvoir, apesar de suas profundas diferenças, elas se assemelham diante da concepção de um feminismo de reciprocidade estabelecido em reconhecimento de que homens e mulheres são pessoas. A reciprocidade de Stein é construída a partir da concepção de diferença dos sexos. Já para Beauvoir a reciprocidade entre ambos só é possível no horizonte da igualdade entre os sexos. No entanto, além das divergências, as pensadoras concordam que a subordinação feminina está irremediavelmente ligada a uma questão histórica, porém pela forma que é ressaltado o contexto histórico em seus posicionamentos em torno do assunto diferenciam as concepções das pensadoras.

Para Beauvoir a questão histórica cultural é a origem da desigualdade entre os sexos, desigualdade esta construída no decorrer dos séculos. “Já nas sociedades primitivas houve uma primeira divisão de tarefas impostas pelos líderes dos grupos, que quase sempre eram homens”.¹⁶³ Tal divisão de tarefas foi se perpetuando no decorrer do “desenvolvimento” das sociedades e, com isto, se consolidando a partir de uma imposição masculina e de uma aceitação feminina.¹⁶⁴

Para Stein o contexto histórico ajuda a consolidar as diferenças sociais entre homem e mulher, porém a própria construção histórica responsável pela organização social tal qual ocorria em sua época, já é resultado de uma natureza presente em ambos os sexos. A natureza masculina impele o homem à conquista assim como impele a mulher ao acolhimento, o que faz com que o homem tenha ímpetos de domínio e a mulher tenha tendência à maternidade espiritual.

¹⁶¹ BEAUVOIR, 1980, p. 23.

¹⁶² BEAUVOIR, 1980, p.15.

¹⁶³ BARBOSA, M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, Porto, p. 24-34, 2011. p. 25.

¹⁶⁴ BEAUVOIR, 1980, p. 25.

3 A MULHER NA SOCIEDADE MODERNA

Para compreender o papel e o contexto social que a mulher moderna se encontra no pensamento de Edith Stein, faz-se necessária uma breve compreensão deste período denominado de Idade Moderna.

Segundo Vergote¹⁶⁵, a palavra “modernidade” será utilizada, em um primeiro momento, já no século XII, com o significado de recente (do latim *modernus*), ou seja, ela exprimiria algo que chegaria como uma descoberta. Logo em seguida, já no século XVI, será introduzida na língua francesa com uma utilização diferenciada, neste momento ela passa a significar “progresso do saber”, além de uma ruptura com a tradição, no entanto, exprimindo um progressismo otimista.

Dentro das ciências naturais a palavra “moderno” surgirá com os experimentos de Francis Bacon, no século XVI (contemporâneo de Galileu Galilei), onde “[...] concebe uma nova filosofia do saber: a que deve substituir a lógica aristotélica pelo método de indução sistemática; ele propõe assim as bases lógicas da ciência experimental”.¹⁶⁶

De acordo com Habermas¹⁶⁷, a "modernidade" refere-se às formações societárias do "nosso tempo", dos "tempos modernos". O início da "modernidade" está marcado por três eventos históricos ocorridos na Europa e cujos efeitos se propagaram pelo mundo: a Reforma Protestante, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Em outras palavras, a "modernidade" situa-se no tempo. Ela abrange, historicamente, as transformações societárias ocorridas nos séculos XVIII, XIX e XX, no "Ocidente". Neste sentido, a modernidade só se percebe como uma época histórica quando, ignorando o modelo das épocas exemplares do passado, ou seja, exprime o mundo moderno como uma construção intelectual. Isso significa que o conceito de modernidade é a maneira como esta compreende a si mesma, inserindo-a no horizonte cultural do racionalismo ocidental.

Neste sentido procurar-se-á demonstrar o itinerário percorrido pela mulher moderna no contexto político, cultural e social a partir do que pensa Edith Stein.

¹⁶⁵ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 40.

¹⁶⁶ VERGOTE, 2002, p. 40.

¹⁶⁷ HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodney Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.26.

Barbosa afirma que: “Antes da “massificação capitalista”¹⁶⁸, a natureza da mulher era dedicada somente à família, pois a mulher tinha a função de cuidar do marido e dos filhos unicamente. Essa função era mantida pela sua própria natureza de ser mãe e esposa”.¹⁶⁹ Por outro lado, a mulher dos dias atuais, já inserida no mercado de trabalho, está conquistando seus espaços a cada dia, contudo esquecendo-se de sua natureza, enfatizando em si apenas o seu ser social.¹⁷⁰

Aos poucos, ela começou a mostrar que tem tanta capacidade quanto o homem, através de sua competência, criatividade e maneira de encarar as dificuldades e os desafios. Porém, isso tudo não pode nos fazer pensar que uma equipe ideal seria formada apenas por mulheres, por exemplo, afinal, o homem e a mulher possuem corpo e alma diferentes e têm maneiras diferentes de encarar uma determinada situação.¹⁷¹

O homem, por ter a alma interna, com tendência maior a externar-se para o metafísico, acredita mais em ações concretas: falar em metafísica na filosofia de Edith Stein não significa de forma alguma falar em conceitos inconcretos ou esvaziados de concretude.¹⁷²

Sabe-se que em alguns segmentos da filosofia, como, por exemplo, no existencialismo *sartreano*, o metafísico não passa de um conceito vazio e sem grande importância para a existência; no que se refere à fenomenologia de Stein, o metafísico muitas vezes tem maior concretude existencial do que o puramente físico, a saber: pode-se tomar como exemplo o conceito de verdade, que a princípio é um conceito metafísico que se encontra no físico como pequenos reflexos em objetos ou pessoas, mas que estas verdades objetivas só têm verdadeiro sentido quando se toma como referência o conceito metafísico de verdade; em outras palavras, a verdade de algo só é verdade quando é tomado por cânone o conceito da verdade não objetiva. Por esse motivo o homem planeja sua carreira em longo prazo e tem maior capacidade de arriscar-se em novos empreendimentos, mesmo que lhe custe o emprego em certos casos. Enquanto que a mulher é tomada pela afetividade com o outro, valorizando mais a coletividade do que o individualismo, na tentativa de

¹⁶⁸ Como massificação capitalista Walter Benjamin entende como a padronização de bens culturais em todo o mundo em torno do valor monetário representado. BENJAMIM, Walter. *A obra de arte*. trad. De José Lino Grünnewald, et al. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.85.

¹⁶⁹ BARBOSA, 2011, p. 27.

¹⁷⁰ ALES BELLO, 2009, p. 40

¹⁷¹ ALES BELLO, 2009, p. 40.

¹⁷² ALES BELLO, 2009, p. 41.

manter a harmonia entre as pessoas do meio no qual ela está inserida, levando em consideração a sua vocação originária de ser companheira do homem e assumir uma atitude maternal não apenas em relação aos filhos, mas também ao marido.¹⁷³

Segundo Edith Stein:

A responsabilidade, que pesa sobre os ombros do homem, poderia parecer grande demais ao lado dos deveres profissionais, se não tivesse ao seu lado a ajudante que, segundo a sua natureza, tem a vocação de assumir mais da metade desse peso. Se, por um lado, existe nela o desejo de poder desenvolver plenamente a sua própria personalidade, procura igualmente ajudar as pessoas que lhe são próximas a desenvolverem-se, também sem restrições. Assim, o marido encontrará nela a melhor conselheira para a própria orientação dela, dos filhos e dele mesmo. Em muitos casos, cumprirá melhor as suas obrigações deixando-a à vontade em suas aspirações e deixando-se guiar por ela. Faz parte da dedicação feminina ao desenvolvimento correto das pessoas próximas a preocupação com a ordem e a beleza de toda casa, para que se crie um ambiente propício ao desenvolvimento de todos.¹⁷⁴

O mundo moderno passa por enormes transformações. Nos últimos anos, as mulheres ganharam muito mais liberdade do que ao longo de toda a sua história. Com essas mudanças, a mulher é levada a opinar sobre a melhor forma de elevação do seu nível educacional e sobre a redução do tamanho da família.

A iniciativa de ganhar cada vez mais espaço leva a mulher a se comportar de forma competitiva no mercado de trabalho, dedicando a maioria de seu tempo diário às atividades decorrentes da profissão deixando sua família em segundo plano e doando-se de “corpo e alma” apenas à vida profissional. Como afirma a principal pesquisa estatística do Brasil.

Apesar da redução constatada, desde 2003, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁷⁵, existem aproximadamente 36 minutos na diferença da média de horas trabalhadas entre homens e mulheres, as mulheres continuaram trabalhando, em 2009, em média, menos do que os homens. Cabe esclarecer que essa queda na diferença foi ocasionada pela redução na média de horas trabalhadas pelos homens. As mulheres, em 2009, trabalharam em média 38,9 horas, uma média inferior a dos homens em 4,6 horas.

¹⁷³ STEIN, 1999, p. 95.

¹⁷⁴ STEIN, 1999, p. 96.

¹⁷⁵ IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf. Acesso em: 12 fev. 2013.

As mulheres trabalhavam menos que os homens em todos os agrupamentos de atividade.

Com a exceção das mulheres ocupadas nos Outros Serviços, as demais atividades apresentaram aumento da média de horas trabalhadas para as mulheres.

No agrupamento da Administração Pública, as mulheres trabalharam, em média, 36,4 horas semanais (dados visíveis no gráfico abaixo).

Número médio de horas semanais trabalhadas, por agrupamento de atividade, segundo o sexo – 2003/2009

Sexo e Ano	Total	Administração Pública	Comércio	Construção	Indústria	Intermediação Financeira	Outros Serviços	Serviços Domésticos
Homens								
2003	44,2	39,6	46,1	43,7	43,9	43,1	46,4	45,3
2009	43,5	39,0	45,5	43,2	43,3	42,3	45,4	43,4
Mulheres								
2003	39,0	35,7	41,2	38,6	39,9	39,2	40,6	38,5
2009	38,9	36,4	41,7	39,8	40,0	39,3	40,2	36,9
Diferença								
2003	5,2	3,9	4,9	5,1	4,0	3,9	5,8	6,8
2009	4,6	2,6	3,8	3,4	3,3	3,0	5,2	6,5

*Média das estimativas mensais.

Fonte: IBGE

Diante dos dados apresentados e tomando por base a teoria proposta por Edith Stein¹⁷⁶ torna-se possível afirmar que a mulher contribui de maneira expressiva no orçamento doméstico.

Segundo a natureza – no pensamento de Stein –, a mulher é o sustentáculo ou suporte das relações afetivas, sociais e espirituais no que se refere às relações humanas, fazendo de si “coração” da família.¹⁷⁷ Neste sentido a mulher – segundo a pensadora – sempre se constituiu como um elemento crucial no desenvolvimento ontológico do ser humano, estendendo-se assim ao campo socioeconômico da vida familiar.

Edith Stein confirma em sua obra *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*:

¹⁷⁶ STEIN, 1999, p. 87.

¹⁷⁷ STEIN, 1999, p. 88.

Se o homem deve ser cabeça da mulher – podemos acrescentar logo: cabeça também de toda família – no sentido em que Cristo é a cabeça da Igreja, será a função dele dirigir essa pequena imagem do grande corpo místico, para que cada membro possa nele desenvolver seu dom e alcançar a redenção. O homem não é Cristo, nem tem o poder de conceder dons. Mas tem o poder de desenvolver os dons existentes (ou de sufocá-los), na medida em que o ser humano é capaz de ajudar o outro a desenvolver seus dons. Sua sabedoria consiste em contribuir para que esses dons não definham, e, sim, se desenvolvam para a redenção do todo. [...] Mas é essencial para a saúde do organismo que isso se dê sob a direção da cabeça. Quando o corpo se revolta contra a cabeça, o organismo não pode vicejar, assim como não pode prosperar quando a cabeça deixa o corpo extremar-se.¹⁷⁸

A contribuição da mulher para o aumento da produtividade em geral é expressiva. E é através desse processo que se pode esperar uma redução dos diferenciais de salários, que ainda prevalecem em favor dos homens, culturalmente. Porém, a mulher, movida pela necessidade de contribuir para a manutenção da família, ou pelo desejo de obter realização profissional, está, ao longo dos séculos XX e XXI, cada vez mais presente no mercado de trabalho. Isso ocorre não só pela emancipação feminina, mas pela tendência que a mulher tem, no mundo moderno, de se igualar ao homem, através das características que são postas pelo meio em que ela está inserida, seja no mercado de trabalho.

Edith Stein reflete que algumas mulheres têm certas características masculinas; e alguns homens, muito do tipo feminino, sendo que toda profissão masculina pode ser exercida também por certas mulheres e toda profissão feminina, por certos homens. No entanto, as áreas de predomínio masculino são aquelas que requerem força física, raciocínio abstrato e a criatividade. Enquanto que as áreas propícias para a mulher são, portanto, áreas que possam ser de sua própria natureza, através das quais ela possa cuidar do próximo de forma genuína.¹⁷⁹

Mesmo adentrando no mercado de trabalho e passando pela mesma experiência profissional dos homens, a mulher ainda nutre centelhas daquela “natureza que lhe é própria”¹⁸⁰, isto é: após a jornada de trabalho grande parte das mulheres continuam a exercer a função de mãe e esposa, o que as põe em âmbito social desigual com os homens, submetidas à dupla jornada de trabalho.

Segundo Edith Stein:

¹⁷⁸ STEIN, 1999, p. 85.

¹⁷⁹ STEIN, 1999, p. 100.

¹⁸⁰ STEIN, 1999, p. 100

A ordem original prevê a ação comum do homem e da mulher em todas as áreas, apesar de uma distribuição diferenciada dos papéis. As mudanças da ordem original, advindas com a queda, não levaram à suspensão completa dessa ordem, pois a natureza não ficou totalmente corrompida, conservando as forças antigas, se bem que debilitadas e expostas ao erro.¹⁸¹

Diante de uma visão totalmente social, pode-se dizer que o problema da mulher trabalhadora não é ser mulher, é viver num regime social injusto. Ela não precisa rejeitar sua feminilidade nem sua função de maternidade.¹⁸² Ela não precisa ver no homem um adversário. O que é preciso é reconhecer sua própria força e unir-se como mulher, com todas as suas potencialidades, à sua natureza, para amenizar as misérias da sociedade capitalista, que é a verdadeira raiz de sua opressão. Dessa forma, a mulher na luz da razão pode fazer com que, no seu dia a dia, enfrenta, objetivamente, com os entraves da vida em sociedade, a fome, a miséria, o desemprego, a opressão sexual, a humilhação – tome consciência de quem é seu real adversário e se disponha a fazer um chamado a suas companheiras de classe, para lutarem juntas contra o sistema injusto. Esse será o primeiro passo para que ela se transforme como ser histórico e possa construir uma sociedade adequada, em que esteja em igualdade social com o homem, em que todos os vestígios de opressão sejam descartados.

Edith Stein¹⁸³ vai mais afundo no problema, considerando que não basta apenas a eliminação dos problemas puramente sociais. Segundo a autora, os maiores problemas encontrados por parte da mulher no que se refere à sua “dignidade são de origem ontológica”.¹⁸⁴

Mesmo livre do sistema social, seja ele qual for, a mulher sempre é vítima de discriminação e desvalorização. Essa é a situação inegável e a maior prova de que o verdadeiro problema a ser enfrentado, antes mesmo de ser social e de ordem da própria essência do ser humano, parte da falta de compreensão do valor integral e inviolável da pessoa da mulher. É a própria Edith Stein quem diz:

¹⁸¹ STEIN, 1999, p. 98.

¹⁸² BOFF, 2012, p. 139.

¹⁸³ STEIN, 1999, p. 139.

¹⁸⁴ .Por espécie Edith Stein entende como dignidade da mulher como vocação natural de esposa e mãe, sustento da vida, protetora da vida nascente que abraça sua vocação de serviço à vida humana em todas as suas dimensões. STEIN, Edith. *As bases da formação feminina*. In: STEIN, 1999, p. 140.

Uma política que vê na mulher apenas o fator econômico e o fator de poder na luta de classes é capaz de reconhecer o engodo da igualdade total com o homem para atrair adeptos do sexo feminino, mas o desprezo insolente da natureza e da vocação da mulher deverá despertar uma forte aversão, justamente, na juventude feminina.¹⁸⁵

As mulheres da modernidade possuem a necessidade de conciliar o trabalho e a família sem comprometer sua qualidade de vida.

Embora o trabalho doméstico tenha se simplificado bastante, uma vez que ocupa uma importância menor diante dos novos desafios da mulher, ele continua tendo que ser realizado por alguém, e esse alguém, em geral, é a própria mulher, que, por suas características naturais, possui maior aptidão que o homem para tal tarefa. Segundo Stein:

Nesse contexto, a função auxiliar da esposa se concretiza na administração conveniente dos recursos na economia doméstica (que hoje, além do papel particular, se reveste de uma importância macroeconômica essencial) e, hoje, talvez mais do que nunca contribuindo com seu próprio salário. Com isso, surgiu o problema grave da jornada dupla e o perigo de um excesso de atividades extra-casa da mulher casada, a ponto de essa se ver impossibilitada de ser o coração da família e a alma da casa, que deveria ser sempre sua função principal.¹⁸⁶

Para que a mulher tenha cada vez mais qualidade de vida sem comprometer o seu desempenho profissional, deve-se possuir um envolvimento de todos os organismos da sociedade. Esta deve ser a nova conquista da mulher moderna, entre as muitas já alcançadas: conscientizar a família, a empresa e a sociedade sobre a necessidade que têm de se adaptar a essa nova mulher. Dessa forma, podendo participar de maneira mais efetiva e eficiente na sociedade como um todo.

Mas a mulher moderna não deseja se realizar apenas no campo do trabalho. Ela tem a característica de não se satisfazer apenas com o sucesso profissional, embora ele seja desejado e buscado arduamente. Ela almeja ir além: quer realizar-se na sociedade, na família e participar de perto da educação dos filhos. Para isso, o equilíbrio das diferentes dimensões da pessoa é fundamental, pois tanto as mães-esposas, que já estão no mercado de trabalho e já vivem essa experiência, quanto às jovens trabalhadoras, que ainda não são mães nem esposas, parecem carecer de tal experiência futura.

¹⁸⁵ STEIN, 1999, p.167.

¹⁸⁶ STEIN, 1999, p. 129-130.

Apesar de não haver dados oficiais no Brasil sobre o número de mães solteiras, segundo levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁸⁷, em 2009¹⁸⁸ filhos de 26% das famílias entrevistadas tinham como referência alguém do sexo feminino e sem cônjuge: o que denota a evidente presença de mulheres chefiando a família sozinhas.

Tanto num aspecto quanto no outro, o que parece ficar claro é que, apesar de se tornarem profissionais de sucesso, as mulheres também carecem de uma experiência feminina totalitária, isto é, falta-lhes alguma coisa que, muitas vezes, nem sabem o que é e que, em muitos casos, as impede de alcançarem a felicidade, uma vez que lutam contra a própria natureza, ocasionando um obstáculo para a sua realização integral, realidade essa afirmada pela própria Edith Stein.¹⁸⁹ Se a mulher, na modernidade, com a desculpa de ser moderna, de certa forma anda na contramão de sua natureza, como pode se realizar?

Segundo Edith Stein:

A mulher, que segundo o relato do Gênesis foi colocada ao lado do homem para que este não estivesse sozinho, mas tivesse uma ajudante à sua altura, cumprirá sua vocação de esposa assumindo como sua a causa dele. A causa dele costuma ser, em primeiro lugar, a profissão. A participação da esposa na profissão do marido pode dar-se de muitas maneiras. Sua primeira tarefa consistirá em cuidar de tal forma do lar e da vida doméstica que não atrapalhem o exercício profissional e, sim, que lhe sejam proveitosos: se a profissão for exercida na própria casa, cabe-lhe evitar possíveis transtornos; se for exercida fora de casa, o lar deve ser a garantia de descanso e lazer.¹⁹⁰

O perfil da mulher de hoje é muito diferente daquele do começo do século XX. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade, assim como os homens, ela se sobrecarrega com tarefas tradicionais: ser mãe, mulher e dona-de-casa.

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ser independente financeiramente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho.

O grande desafio das mulheres dessa geração é provocar mudanças profundas na história, a começar pela história da própria família: além de mães e

¹⁸⁷ IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000205.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2012.

¹⁸⁸ IBGE, 2009: Acerca do tema, é o dado encontrado mais atualizado.

¹⁸⁹ STEIN, 1999, p.112.

¹⁹⁰ STEIN, 1999, p.129.

esposas, podem ser excelentes profissionais. Podem ser aquilo que desejam. Mas deve-se entender que o desejo é diferente da escolha.

Segundo Epicuro¹⁹¹, o desejo é uma tensão em direção a um fim considerado pela pessoa que deseja como uma fonte de satisfação; é uma tendência, algumas vezes, consciente, outras vezes, inconsciente ou reprimida em busca do agradável. Já a escolha, segundo Freud¹⁹², consiste num processo mental de pensamento envolvendo o julgamento dos méritos de múltiplas opiniões e a seleção de uma delas para a ação. A escolha, portanto, nem sempre é feita sobre o desejado, pois algumas escolhas devem ser feitas sobre as opções que podem ou não coincidir com aquilo que é o desejo.

No ser feminino, o desejo deveria ser aquela busca de satisfação sua e dos outros, isto é, aquele impulso que parece vir da parte mais profunda do ser.¹⁹³

A mulher moderna precisa fazer suas escolhas, pois as escolhas – dependendo das opções possíveis – podem levá-la à realização, ou não. Contudo, essa mesma mulher não pode e não deve abandonar seu desejo de realização, que só poderá se tornar realidade quando ela tomar consciência do seu dever, de seu papel e, sobretudo, de quem é, isto é, do seu ser pessoa e mulher.

3.1 O perigo da “descaracterização da mulher”

Nos dias atuais, quando a mulher procura a própria emancipação, na tentativa de se igualar ao homem, ela encontra-se obrigada a desenvolver certos comportamentos que descaracterizam o seu perfil feminino. Nessa busca, ela encontra ideologias, como o feminismo, e alguns pensamentos, como o liberalismo feminino, que busca uma igualdade entre homens e mulheres.

Segundo Alves Belo, essas ideias, em vez de afirmá-la como mulher, criam um perfil, até certo ponto, deformado, isto é, um perfil feminino que vai contra a sua própria natureza.¹⁹⁴

¹⁹¹ EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 1997.

¹⁹² FREUD, S. O ego e o id. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1923. v. 19, p. 13-83.

¹⁹³ STEIN, 1999, p. 149.

¹⁹⁴ ALES BELLO, 2009, p. 40.

As suas atitudes em determinados momentos, sobretudo em relação ao trabalho, nos revelam um perfil que também não corresponde à vocação natural da mulher.

Segundo Stein, o tipo de trabalho ao qual a mulher se submete, por vezes, é completamente desestruturado, na medida em que ocupa funções inadequadas para as suas condições físicas.¹⁹⁵ A capacidade que ela ostenta para encarar o trabalho é ao mesmo tempo surpreendente e desgastante, pois em determinados momentos ela se lança a um tipo de trabalho para o qual seu preparo físico é insuficiente, mas, mesmo assim, nega-se a desistir, por motivo, talvez, até de sobrevivência.

De acordo com Stein¹⁹⁶, a natureza da mulher não foi feita para que ela se submetesse ou se sujeitasse a encarar um tipo de trabalho que é essencialmente masculino, como, por exemplo, o de policial, estivador, mecânico, etc. Pois a própria natureza física impõe limites à mulher muito mais que a natureza masculina empõe ao homem. É certo que muitos exemplos são visíveis no decorrer da história social, onde mulheres não só exercem funções masculinas, como as exercem de forma superior a alguns homens, porém são exceções estes casos. Nota-se que dada a sua maior força física e resistência o homem está mais preparado naturalmente para exercer tarefas como, por exemplo, a de carregador. A própria história da escravidão mostra que em raras exceções as mulheres escravas exerciam as mesmas tarefas dos homens e, quando exerciam, o faziam de forma menos intensa. Segundo Barbosa¹⁹⁷, os romanos, os egípcios e outros tantos povos apercebendo-se das diferenças naturais tão acentuadas e claras entre homens e mulheres, atribuíam a suas escravas tarefas bastante diversas das tarefas impostas para os escravos masculinos.

Segundo Edith Stein:

O valor peculiar deve ser procurado no contexto da peculiaridade. Só quem estava fechando seus olhos às evidências mais simples da experiência podia negar essa peculiaridade. E muitas mulheres que tinham essa tendência viram seus olhos sendo abertos, talvez de maneira dolorosa, ao abraçar uma das profissões tradicionalmente masculinas que as obrigava a aceitar formas de trabalho e de vida que não correspondiam à sua maneira de ser. Se o seu ser era suficientemente forte, talvez até conseguissem transformar a profissão masculina em profissão feminina. Tomando como

¹⁹⁵ STEIN, 1999, p. 100.

¹⁹⁶ STEIN, 1999, p. 100.

¹⁹⁷ BARBOSA, M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*. Porto, p.24-34. 2011, p. 24.

ponto de partida as diferenças entre os sexos que a experiência nos ensinou e que são também as realçadas pela psicologia diferencial, podemos destacar, sobretudo, duas características da maneira de ser feminina em relação a seu valor peculiar.

1. A preferência pelo aspecto pessoal e vivo em oposição ao objetivo;
2. O direcionamento à totalidade e abrangência em oposição à especialização unilateral;

Em ambas devemos distinguir um objetivo duplo: a projeção da própria personalidade e o interesse preferencial por tudo o que é pessoal fora de si, no mundo.

Igualmente, o desejo de empenhar-se a si própria como um todo e de formar-se como um todo e de ver também os outros como um todo e de formar neles um todo.

Em ambos residem perigos: a falta de objetividade, a personalidade exacerbada, superficialmente. Só depois que estas forem superadas (os meios devem ser discutidos à parte) poderá desenvolver-se o valor peculiar.¹⁹⁸

O mundo moderno, com suas inovadoras ideias, trouxe para a mulher a ilusão de que ela e o homem têm uma igualdade em todos os sentidos, e não uma semelhança. Essa ideologia aguçou o espírito feminista, que, na maioria das vezes, vê no protesto o início e o fim, a causa e o efeito, enfim, o protesto pelo protesto. Em outras ocasiões, o feminismo não se mostrou uma alternativa totalmente satisfatória para alcançar determinados direitos sociais da mulher, pois, com a pretensão de igualdade de direitos, desembocou (em grande parte) em uma frenética busca de superioridade de direitos.

Na segunda metade do século XIX, as mulheres, por meio de sua produção literária, revelaram um processo de autoconscientização de sua condição feminina. No rastro das grandes mutações político-econômico-sociais, que se aceleraram no século XX, as relações homem e mulher foram profundamente alteradas e, conseqüentemente, alterou-se o sistema familiar: a mulher transpõe os limites do lar e insere-se no mercado de trabalho, agora para cumprir o novo papel que o sistema econômico lhe exigia.

A mulher - escreve Edith Stein - ganha o espaço público e sua emancipação, se bem que não ainda universalmente homogênea. Houve “uma libertação da escravatura, [...] a eliminação dos laços que impediam a formação e a atividade profissional da mulher, abertura das alternativas de formação e das profissões *reservadas a os homens*. A libertação deveria vir para as aptidões e as forças pessoais da mulher [...]”.¹⁹⁹ Mas tratava-se de um objetivo individualista. A tendência

¹⁹⁸ STEIN, 1999, p. 44-45.

¹⁹⁹ STEIN, 1999, p. 280.

geral da época era de que “o lugar das mulheres é em casa!”. Objetivava-se que, por causa de suas peculiaridades, a mulher era incapaz de exercer profissões masculinas. As feministas contestavam enfaticamente e, muitas delas, no fervor da luta, chegaram até a negar sua própria peculiaridade feminina. Essa era a maneira mais simples de eliminar o argumento da incapacidade. Com isso, excluía-se “a possibilidade de falar sobre o *valor próprio da mulher*. De fato, o maior objetivo consistia igualar a mulher ao homem, na maneira possível, em todos os campos”.²⁰⁰

O mercado de trabalho, a moda e o esporte, através dos quais a mulher, hoje, se lança e é lançada, têm seus pontos positivos. É bom para a mulher que ela estude, que faça valer o seu direito à cultura e à técnica. É bom para a alma feminina que, após o término de seus estudos, a mulher possa exercer uma profissão, tendo, assim, ela própria, uma função social e um lugar digno no mercado de trabalho e na sociedade. Porém, tais coisas que, a princípio, parecem positivas, necessitam de uma profunda análise para que não acabem confundindo a concepção que a mulher deve ter de si mesma, alienando-a do seu ser pessoa e pessoa feminina.

O pensamento de Edith Stein segue uma linha personalista, pois se encaminha no sentido da valorização do ser. E a própria filósofa afirma: “As pessoas não têm só necessidade do que temos, mas sim do que somos”.²⁰¹

Em sua teoria, a espiritualidade é algo que deve acompanhar a vida em todos os seus seguimentos; não deve haver separação entre o cotidiano e a oração, pois o viver deve incluir serenidade, seriedade, alegria, sacrifícios e superações. Nesse sentido, a vida espiritual é o sustento firme e verdadeiro para a vida social. Seguindo essa linha de raciocínio, Stein nos diz: “Fica na Igreja o tempo suficiente, como achares necessário, para encontrar a serenidade e a paz. Isso faz um bem enorme não somente a ti, mas também ao trabalho e a todos os homens que te rodeiam”.²⁰²

Para ela, o próprio trabalho deve estar impregnado de oração, isto é, daquele esforço de seriedade em vista do bem comum; e, nisso, as mulheres são mestras, pois sua própria natureza materna as impele para a sensibilidade do bem do outro. A própria natureza amorosa e sensível da alma feminina as torna sensíveis ao outro, aos seus problemas e às suas necessidades.

²⁰⁰ STEIN, 1999, p. 281.

²⁰¹ STEIN, Edith. *Na força da cruz*. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987. p.17.

²⁰² STEIN, 1987, p. 39.

Nesse sentido, o mundo do trabalho, com o advento da mulher no mercado de trabalho e nas várias áreas profissionais, deveria ter ganhado em amor e dedicação, mas, ao contrário, a alma feminina foi “infectada” pela ânsia de se igualar a do homem; e sua luta viu-se perdida já no início.

A mulher, ao entrar no mercado de trabalho, deveria transformá-lo, ou seja, torná-lo mais sensível e mais atento ao bem comum, como é de sua real natureza. Mas, levada pela cegueira proveniente de sua feroz sede de “igualdade” – uma igualdade deturpada –, que a masculinizou, sufocando sua natureza materna e fazendo-a vestir uma pesada armadura e ostentar a espada do “eu sou capaz”, ela partiu para a guerra.

Para Edith Stein²⁰³, a contribuição da mulher no mundo do trabalho e da cultura é riquíssima, mas, para que tal contribuição gere frutos satisfatórios e adequados, faz-se necessário que a mulher resgate suas características próprias, isto é, que ela saia, num esforço terminante, do caminho de descaracterização que nas últimas décadas vem trilhando, a fim de salvar sua dignidade, pois na mulher, consiste delicadeza, compassividade, generosidade e paciência, sendo ela não uma concorrente do homem, mas uma companheira, isto é, aquela que, ao lado do homem, auxilia na realização da personalidade do ser humano.

²⁰³ STEIN, 1999.

CONCLUSÃO

Diante do estudo da obra de Edith Stein, *A Mulher: Sua Missão segundo a Natureza e a Graça*, de 1999, fez-se a oportunidade de se conhecer sua teoria e seu pensamento no que concerne à mulher.

Compreendeu-se que Stein se dedicou à pesquisa em torno de uma antropologia filosófica fenomenológica, buscando apreender os elementos estruturais da pessoa humana. De fato, ela acolhe e aprende o método de examinar as coisas, isto é, os fenômenos, os fatos, as questões, as temáticas culturais os problemas humanos sob o impulso do seu mestre (Husserl).

Com a ajuda da fenomenologia, aproxima-se da essência dos fenômenos, descobrindo seu profundo significado sem se deixar condicionar por um saber pré-constituído, mas busca intuitivamente as características dos fenômenos em exame. Dessa forma, percebeu-se que Edith Stein, nos mais diversos momentos de sua trajetória intelectual, se preocupou com questões eminentemente filosóficas, sobretudo por ter sempre como foco o ser humano nos seus mais diversos fenômenos.

A presente pesquisa trouxe uma análise do pensamento de Edith Stein sobre a questão feminina, a condição e o papel da mulher em sua época. Tal análise tornou-se possível graças a um caminho trilhado em companhia das obras da Professora Angela Ales Bello, filósofa italiana, especialista em Edith Stein e de renome internacional, que serviu como uma das principais fundamentações no campo complexo da fenomenologia.

Os estudos sobre Stein oferecem uma grande contribuição para a compreensão do ser humano. Com a experiência - e a riqueza e a diversidade que emergem dessa - devem constituir uma riqueza pessoal e, sobretudo, uma consciência profunda da "originalidade" e da "igualdade" de cada pessoa. A autora, portanto, ao partir das investigações para a compreensão do que é a pessoa humana, considera a estrutura da pessoa nas dimensões corpóreas, psíquicas e espirituais como elemento útil às pessoas no favorecimento recíproco do reconhecimento do outro.

A obra de Stein não vem simplesmente enriquecer os direitos das mulheres, mas, antes, mostrar caminhos mediante os quais as mulheres poderão verdadeiramente se valorizar e tomar consciência de sua própria unicidade e

promover suas realizações pessoais através de suas qualidades. Sendo assim, a filósofa focaliza a questão feminina como ponto principal para traçar o papel da mulher e do homem diante da sociedade moderna, na qual ocorre uma mudança quanto aos papéis feminino e masculino diante de suas vocações naturais, exatamente em virtude da emancipação da mulher.

A reflexão de Stein e dos estudiosos de seu pensamento emite que a mulher moderna passou a trabalhar fora de casa, cultivando uma vida de tripla jornada de trabalho: ser mãe, esposa e profissional, sendo que esta última prevalece sobre as outras, uma vez que a mulher deixa sua vida de esposa e de mãe em segundo plano para se dedicar de corpo e alma à sua carreira profissional. Com isso, deixa sua vocação natural de ser o coração da família e a pessoa que iria trazer a harmonia e a afetividade ao lar.

A autora revela durante seus escritos uma religiosidade fortemente cultivada e que reflete em torno de seu pensamento ao afirmar que a mulher foi criada por Deus²⁰⁴, sobretudo no que se refere à sua vocação natural para ser mãe e esposa dignamente. Homem e mulher são seres semelhantes em dignidade, um foi feito para o outro, porém são diferentes no corpo e na alma. Está presente na alma feminina aquela afetividade que lhe é natural, isto é, o ser da mulher tem escrito em si, por sua própria natureza, aquela inclinação que é o traço marcante de sua personalidade. Enquanto que o homem ganha características diferentes, a partir de sua própria natureza de dominador, para a conquista e para a transformação do mundo. Essa natureza o impele para o desejo de transformação e dominação, que são características do ser masculino.

O pensamento e as teorias formulados por Edith Stein são de ímpar concepção, pois nascem de uma ontologia tomista-fenomenológica, ou seja, Edith Stein elabora uma difícil e original fusão entre o pensamento de Tomás de Aquino e a fenomenologia de Husserl. O resultado surpreendente é uma ontologia que, partindo do metafísico, valoriza e revela o fenômeno como parte inseparável da essência das coisas. Em Edith Stein²⁰⁵, a alma e o espírito são valorizados sem que ocorra a desvalorização do corpo, pois é pelo corpo e no corpo que alma e espírito se manifestam na realidade física.

²⁰⁴ GÊNESIS 2, 22. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 10. ed. São Paulo: Canção Nova, [S.d.]. p.17.

²⁰⁵ STEIN, 1999.

Portanto, o estudo realizado é de fundamental importância para a busca de um terreno de diálogo interreligioso e intercultural, pois as investigações de Edith Stein oferecem-nos uma resposta adequada, porque a fenomenóloga não parte daquilo que nos torna diferentes, mas daquilo que nos assemelha²⁰⁶. Assim, sua proposta oferece um ponto de encontro e de diálogo não apenas para questões antropológicas, mas também para questões religiosas, onde é colocado no centro de suas discussões o ser humano com sua dignidade e seus valores.

²⁰⁶ STEIN, 1987, p. 57.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. De Antonio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Veja, 1998.
- AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direito das Mulheres e injustiça dos homens*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção Biblioteca da Educação. Série 3; v. 3).
- BARBOSA, M. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*. Porto, p.24-34. 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELLO, Ângela Ales. *A antropologia filosófica de Edith Stein e o mundo contemporâneo*. Tradução Jacinta Turolo Garcia. São Paulo: UNIFAI, 05 a 09 out. 2009. Palestra realizada por ocasião da Semana de Filosofia.
- _____. *A Fenomenologia do se humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru: EDUSC, 2000.
- _____. *Edith Stein o dell'armonia*. Esistenza, Pensiero, Fede. Roma: Edizioni Studium, 2009.
- _____. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC, 2004.
- BENJAMIM, Walter. *A obra de arte*. trad. De José Lino Grünnewald et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BLAY, Eva Alterman. Duas mulheres, dois mundos, um só preconceito. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989.
- BOFF, Clodovis, Quando a "questão da mulher" é bem colocada. Revista: *pistis práxis*, Curitiba, v. 4, n. 4, p.135-145, jan./jun. 2012.
- BOFF, L. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- CARVALHO, Teresa Maria Martins de. *Edith Stein, Padroeira da Europa*. [s.l.]: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://salterrae.org/2008/09/17/edith-stein-padroeira-da-europa-por-teresa-maria-martins-de-carvalho/>. Acesso em: 24 set. 2008.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 1997.
- FABRETTI, V. *Uma vida por amor*. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). São Paulo: Paulinas, 1995.
- FELDMANN, Christian. *Edith Stein: Judia, atea e monja*. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

FERMIN, Francisco Javier Sancho. *Curso de Espiritualidade sobre Edith Stein (Teresa Benedita da Cruz)*. São Paulo: Centro de Espiritualidade Teresiano de São Roque. 9 a 12 nov. 2008.

FREUD, S. O ego e o id. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1923. v. 19, p. 13-83.

GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, [s.d.].

GÊNESIS, 2, 22. In: A BÍBLIA sagrada. Tradução da CNBB. 10. ed. São Paulo: Canção Nova, [S.d.].

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUSSERL, E. *Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: 70, 2008.

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000205.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2012.

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf Acesso em: 12 fev. 2013.

IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/FIBGE/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf Acesso em: 18 abr. 2014.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II às mulheres*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *A Dignidade e a Vocação da Mulher: Carta apostólica de João Paulo II*. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

JUNG, C.G. "A Mulher na Europa" em *Obras Completas, Volume XI/3, Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo - SP: Mundo Cristão - SP, 2010.

MILL, John Stuart. *A Sujeição das Mulheres*. Tradução de Débora Ginza. São Paulo: Escala, 2006.

NOVINSKY, A. "Inquisição e Nazismo, Reflexões e Paralelos", Curso de Pós-Graduação, História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2008.

SELVAGGI, Filippo. *Filosofia do mundo: cosmologia filosófica*/Filippo Selvaggi; tradução Alexander A. MacIntyre. São Paulo: Edições.Loyola,1988.

STEIN, Edith. *A ciência da cruz: estudos sobre são João da Cruz*. São Paulo: Loyola 2004.

_____. *A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Espiritualidad, 1998.

_____. *La vita come totalità. Scrittisull'educazione*. Roma: CittàNuova, 1994. Título Original: *Ganzheitliches Leben Schriften zurreligiösen Bildung. Edith Steins Werke*, vol. XII, edite a cura di L. Gelber e P. Michael Linssen. VerlageHerder, Freiburg imBreisgau, 1990. TraduzionedalTedescodi Teresa Franzosi.

_____. *Na força da cruz*. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

_____. *Obras Completas, II Escritos Filosóficos: etapa fenomenológica*. Madrid: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Obras Completas, III Escritos Filosóficos etapas de pensamiento Cristiano*. Madrid: Monte Carmelo, 2007.

_____. *Obras Completas, IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos*, Madrid: Monte Carmelo, 2003.

_____. *Psicologia e scienzedellospirito. Contributi per una fondazionefilosofica*. Roma: CittàNuova, 1996b. Título originale: *BeiträgezurphilosophischenBegründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften, in zurphilosophischenBegründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften- Eine Untersuchung über den Staat*(p.1-283). Max Niemeyer Verlag, Tübingen 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.

TRABUCCO, P. Piero. *Edith Stein*. [S.l.: s.n.], 2006.Disponível em: <http://pt.ismico.org/content/view/189/39/>. Acesso em: 24 set. 2008.

TURORO, A. G. *Edith STEIN: formação pessoal, teoria filosófica e práxis pedagógica*. Bauru: EDUSC, 1987.